

Correio das Artes

ANO
LXXVI

Nº
3



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.



André Ricardo Aguiar: 30 anos de poesia

Escritor paraibano celebra a sua
trajetória com a coletânea poética
"Mudar é um enigma só para plantas"

Suplemento
literário
do Jornal A União
M A I O
2025

**NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.**

**CORREIO DAS ARTES
COM REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



A UNIÃO



Ano CXXXII Número 033 | R\$ 3,00



João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 12 de março de 2025
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br |    @jornalauniao

CONEXÃO EUROPA

Potencial econômico da Paraíba é apresentado para 150 países

do Fórum de Turismo que está sendo realizado em Lisboa. Página
Presidente da

**ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA
MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO
LITERÁRIO DA PARAÍBA.**

83 99117-7042

Para se ter uma frondosa árvore literária é necessário dominar as letras para adubar e fazer essa semente germinar e crescer. Não para por aqui. O literato tem que regar e cuidar de todas as etapas para, por fim, poder escalar.

Quando criança, é certeza que André Ricardo Aguiar já sabia vestir e abotoar o seu espírito aventureiro, como um João perante o pé de feijão das fábulas que o encantavam. Tanto que, com três décadas dedicadas ao universo das letras — e isso inclui ter uma editora (que também funciona como um oásis literário) e publicar premiadas obras — Aguiar celebra sua majestosa árvore literária baseada em rimas, contos e enredos infantojuvenis.

“Transferir uma planta de um vaso para outro seria, para ela, um enigma. Talvez a poesia funcione do mesmo modo: imóvel na página, enquanto quem muda, sem perceber, somos nós”, teoriza o escritor, que, em breve, vai lançar sua coletânea poética que faz uma panorama da sua obra.

Na matéria de capa assinada por Alexsandra Tavares, vamos ter um vislumbre dessa trajetória de um autor que transita, com naturalidade, entre a poesia, a prosa e a literatura para as crianças.

Ainda nesta edição, um perfil focado no lado biógrafo do imortal da Academia Paraibana de Letras (APL), Francisco de Sales Gaudêncio. Com mais de duas décadas dedicadas aos relatos de vida, o autor fala sobre como se apaixonar pelo ofício de “trazer a realidade da pessoa, sem acrescentar e sem tirar”.

Por fim, outro destaque é a primeira (de muitas) fotografia mulher na seção *Ensaio*: Kleide Teixeira. Ela vai mostrar um pouco do estado de *ser* Paraíba, por meio de sua sensibilidade e experiência na área.

PERFIL 14

Francisco de Sales Gaudêncio: a arte de biografar (e se apaixonar)

MÚSICA 20

Canção “Nu Teu Passo”, da banda Mafiota, é uma veneração ao corpo pela sua diversidade

POESIA 24

Depoimento do maranhense Luis Augusto Cassas, o poeta subversivo

ARTIGO 44

Significante que te gratifica e te chama a outra busca em Machado Fosse Veronesi

DIALÓGO 49

Entrevista com uma das autoras da obra que usa a arte pela luta antimanicomial

DICAS 54

Erros básicos que prejudicam a sua escrita e algumas formas simples de resolvê-los



SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa

Tônio e Chiossi
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

André Ricardo Aguiar, decifre-o ou seja devorado pela inércia

Leitor por conta própria, o paraibano formou-se com base na sua curiosidade literária, tornando um profissional das letras: escritor, fundador de editora e poeta, que lançará, no segundo semestre deste ano, a obra que marcará a trajetória de três décadas de vida neste universo

Alexsandra Tavares

alexsandrajornalista@gmail.com

Cada vez mais me convenço de que a inclinação para a literatura é um dom nato de um ser humano, senão, como explicar que uma criança renuncie a um rol de brincadeiras para investigar um cômodo da residência, aparentemente, pacato, repleto de livros? E quem torna-se um leitor assíduo a partir desta experiência é porque houve, de imediato, uma identificação com o *metiê* intelectual. Foi assim com André Ricardo

Aguiar. Quando, aos nove anos de idade, descobriu em casa a biblioteca do pai, mergulhou no universo de José Lins do Rego. Daí por diante, o menino tímido encontrou uma das atividades mais prazerosas para preencher as horas do dia. O gosto reverberou para outros autores: Monteiro Lobato, Lygia Bojunga Nunes, Lewis Carroll, além do mundo das revistas em quadrinhos — *Tex*, *Zagor*, *Turma da Mônica*, *Tio Patinhas* e *Asterix*.

“Os livros me ofereciam mundos onde eu podia habitar: seres fantásticos, bichos falantes, cidades estranhas e poderes mágicos. Curiosamente, eu não via colegas de escola com essa mesma obsessão. Meus pais também não eram do tipo que contava histórias antes de dormir. Fui me formando sozinho, leitor por conta própria”, contou. Com o passar dos anos, o leitor apaixonado começou a escrever os seus próprios versos. As incontáveis obras que tivera acesso alicerça-

ram também o profissional que se tornou: um escritor, fundador da Editora Dromedário e poeta que lançará a obra que marcará a trajetória de três décadas de vida literária.

O livro *Mudar é um enigma só para plantas — trinta anos de poesia* (Confraria do Vento) ainda não tem data para o lançamento, mas o autor adiantou que deverá ocorrer no segundo semestre, em João Pessoa, e, possivelmente, em São Paulo, no Bar e Editora Patuscada.

A obra traz no título um quê de inusitado, curioso e complexo. Inquietar o leitor foi, justamente, a intenção do autor. “O título nasceu de um verso de um poema do livro. Busquei algo que, mais do que nomear, sugerisse. Um título que não se oferecesse de imediato, mas que provocasse o leitor a decifrar, a se aproximar; porque poesia, no fundo, é isso: uma senha para sentidos múltiplos”, frisou o itabaiense, vindo da terra do

Com a natureza ao redor, Aguiar aponta que as plantas carregam “uma sabedoria silenciosa, ele é sem precisar dizer”

músico Sivuca (1930–2006) e do cineasta Vladimir Carvalho (1935–2024).

A adoção da palavra “plantas” para nomear a mais nova criação serve de metáfora, pois “o vegetal carrega uma sabedoria silenciosa, ele é sem precisar dizer”. “Transferir uma planta de um vaso para outro seria, para ela, um enigma. Talvez a poesia funcione do mesmo modo: imóvel na página, enquanto quem muda, sem perceber, somos nós”.

Foto: Leonardo Ariel

Cartografia do sentido

Mudar é um enigma só para plantas — trinta anos de poesia reúne poemas novos e já publicados, selecionados de forma criteriosa, buscando condensar as três décadas em que o paraibano se voltou, mais profissionalmente, à literatura, sobretudo à poesia. Ao analisar a caminhada, ele a define como positiva, porque a literatura se instalou na vida do autor de maneira ampla, e a poesia, embora seja o aspecto mais forte e importante do seu acervo, é apenas uma de suas expressões.

“Se há algo que percebo ao olhar para esse percurso, é que as escolhas aconteceram de forma orgânica, como se todos os poemas selecionados traças-

sem uma cartografia do sentido, da busca, da necessidade de compreender o mundo — interno e externo. Ainda assim, fiz questão de uma seleção rigorosa. Tanto que, na ordem do livro, os últimos poemas escritos ocupam o início, e o volume vai se afunilando: poucos vieram do primeiro livro, um pouco mais do segundo, e assim por diante, até chegar à parte mais numerosa — os inéditos”, frisou.

Ao olhar pelo retrovisor do tempo, ele se diz um homem realizado, justamente por ainda estar em movimento. André Ricardo Aguiar frisou que não se dá por vencido e acredita que “nenhum poeta diz a palavra definitiva”. “Tenho

muitos projetos parados, inacabados, e nem por isso deixo de produzir. O inconcluso também é um poema, um verso em luta, que se recusa a ficar quieto na página”, apontou.

Expressão poética

O poeta e crítico literário, Hildeberto Barbosa Filho, afirmou que a nova produção possibilita ao leitor a oportunidade de reler muitos textos poéticos extraídos de obras já publicados pelo autor, “numa espécie de reencontro com sua expressão poética, marcada por um viés construtivista que torna o paraibano um lógico-matemático mais que um mágico-delirante”. Para ele, Aguiar é “um poeta da construção mais do que o da expressão, uma voz mais racional do que intuitiva, sem que tais classificações impliquem numa ordem de valores”.

De acordo com Hildeberto, as mais de três décadas em que André Ricardo dedica-se ao exercício paciente dos versos podem atestar o desempenho técnico e apurado do autor, cuja escrita traz diferenciais entre os colegas contemporâneos de labuta.

“André Ricardo Aguiar, entre os companheiros de sua geração — em especial, um Antônio Mariano, um Linaldo Guedes, um Abraão Costa An-

drade — parece o mais afeito ao rigor das estruturas. Também o que mais ousa no sentido de inocular, na paisagem do poema, a luz intuitiva dos impactos semânticos mais originais. Se a poesia pode nos transportar para dentro do elemento mágico das coisas, e se o poema, que a captura e a revela, faz das palavras uma espécie de lúcida alquimia, André Ricardo Aguiar, com esse *Mudar é um enigma só para plantas*, subscreve, livre e abertamente, a verdade e a beleza desses postulados”.

Um relâmpago saindo do forno

Ao longo da carreira, André Ricardo publicou 10 livros e dois estão no prelo. Além da publicação que marcará os 30 anos de poesias do paraibano, ainda está em vias de ser impresso *O relâmpago esqueceu de desligar o flash* (haicais infantis), pela Ciranda na Escola. A previsão do autor é a de que, até 12 de outubro, Dia das Crianças,

a obra seja lançada em um local ainda a ser definido, mas que deverá ter uma programação voltada ao público infantil.

Segundo o escritor, a idealização desse trabalho surgiu antes mesmo de ele pensar em livro infantil. O projeto foi sendo criado em tempos esparsos, ao sabor das descobertas, com o autor associando ideias e imagens com trocadilhos e rimas. A obra tem ilustração de Oscar Reinstein e trata-se de uma produção bastante lúdica.

“O público pode esperar o olhar inaugural para os bichos, os seres e as estações, porque é uma percepção poética do próprio universo infantil, que está usando o pensamento mágico para recriar o mundo ao redor e descobrir ligações inusitadas. A forma do vento no varal, a centopeia que parece bicho inventado, a consciência da noite cheia de estrelas. Os haicais privilegiam o som das ideias. Mas, são como brinquedos de montar e desmontar. Como eu me diverti fazendo (e pratico sempre) acho que consigo passar esse espírito lúdico como uma prova de aproximação entre linguagem e pensamento”, explicou Aguiar.

Imagem: Reprodução/Confraria do Vento



Nova coletânea (acima) reúne poemas inéditos e já publicados, buscando condensar as três décadas dedicadas aos versos; segundo o crítico Hildeberto Barbosa Filho (ao lado), essa experiência de 30 anos atesta o desempenho técnico e apurado do autor, cuja escrita traz diferenciais entre os seus colegas contemporâneos



Foto: João Pedrosa

Imagem: Reprodução/Ciranda na Escola



Livros infantis são os preferidos do paraibano: o próximo será “O relâmpago esqueceu de desligar o flash”, uma coleção de haicais para as crianças

Foto: Leonardo Ariel





Foto: Leonardo Ariel

Os livros infantis são os preferidos do paraibano. Apesar de afirmar que ainda tem muito a aprender com o universo das crianças, ele não nega que é onde se sente mais à vontade. “Porque tenho um lado imaginativo que me persegue, uma infância que não largo porque me deu tantas bases para me sustentar por dentro. Os livros infantis da minha vida ainda estão comigo e eu lembro muito bem que foram os responsáveis para me manter em dia com a leitura. Tanto que, até hoje, compro. Vou à livraria com aquela alegria primordial”.

Para o escritor, escrever para crianças é conquistar uma honestidade nas histórias inventadas, manter vivo, dentro de si, o mundo infantil para poder transmitir com mais liberdade e estabelecer um diálogo de igual para igual.

Apesar de ter ciência sobre qual faixa etária pretende atingir com a obra, André Ricardo Aguiar contou que esse perfil de publicação pode abarcar leitores dos oito aos 80 anos, basta escrever imaginativamente, atribuindo ferramentas (musicais, sonoras, de dimensão simbólica ou imagéticas) ao texto. Um dos exemplos que demonstra essa realidade é o livro *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*, publicado há mais de uma década e que, segundo o autor, causa riso em gente de qualquer idade.

Desafios

Para quem pensa que escrever para crianças é tarefa das mais fáceis, se engana. “Os desafios são muitos, e envolvem também escolhas e renúncias. Eu tenho que só pensar no seguinte: hora de dar o recado não é dar de cara uma mensagem. Não quero soar pedagógico, dando lições de vida.

Quero criar para que, dessa leitura, se enriqueça esse algo, o sentido de estar no mundo, de descobrir coisas, afetos, surpresas, sustos, enigmas. É o grande desafio, não soar pedagógico ou infantilizado. O prazer está no contrário. A força da imaginação, mas uma força que se alinhe também com o projeto do livro, com a escolha das ilustrações, com a linguagem, o estilo”.

Relembrando comentários de autores como Ruth Rocha e Ziraldo, o escritor paraibano assinalou que criança gosta de história de verdade e essa verdade tem a ver com o fio de encantamento que atravessa a página, vai muito além da moral da história. “Ziraldo sabia disso quando inventou um menino maluquinho, que era, ao mesmo tempo, todos nós — sapeca, sonhador e dono de um mundo onde panela vira chapéu e amigo é mais importante que nota na escola”.

Mais para 2025

Os planos para 2025 não param com as duas publicações. André Ricardo Aguiar também pretende criar uma coleção de poesia para a Editora Dromedário. Sem falar na possibilidade de fazer um podcast sobre literatura em parceria com a produtora cultural e escritora Valeska Asfora. Ainda existe a ideia de elaborar uma reedição do livro *Bagagem lírica* (diário de viagens portuguesas), publicado em 2007, em uma edição caseira e de pequena tiragem. “Por minha contribuição em coluna de jornais e blogs, também adquiri o hábito da crônica e não descarto a possibilidade de reunir, em alguns anos, mais material para um livro. Tudo é possível”, afirmou o escritor.

Confira, os livros já publicados pelo autor:

- *A flor em construção*, pela Editora Ideia;
- *Alvenaria*, Editora Universitária;
- *O rato que roeu o rei*, Rocco;
- *Fábulas portáteis*, Editora Patuá;
- *A idade das chuvas*, Editora Patuá;
- *Pequenas reinações*, Escrituras;
- *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*, Autêntica;
- *Da existência enquanto gato*, Confraria do Vento;
- *Ainda estavam lá*, edição independente;
- *Agulhas no palheiro*, Mondrongo.

Uma vida em movimento

Contista, antologista, poeta, autor de livro infantil, editor, cofundador do Clube do Conto da Paraíba e do Encontro das Traças, André Ricardo Aguiar é um daqueles artistas multifacetados, inquietos, que se movem impactando o meio em que vivem. Ao falar das inúmeras atribuições que abraçou ao longo da carreira, ele afirmou que atuar em várias vertentes trouxe

um senso mais pragmático para o seu trabalho, já que literatura não é apenas estética, mas também prática.

“Fazer literatura talvez seja isso: mais do que escrever, é se mover dentro desse ofício. Hoje, com a vida mais urgente, dinâmica e a internet ocupando cada vez mais espaço, quem escreve precisa ir além do ato inaugural. É também uma questão de sobrevivência”.

Ao falar do empreendimento que criou em 2023, a Editora Dromedário, André Ricardo contou que a iniciativa partiu dessa

Maria Valéria e Ricardo Aguiar são membros fundamentais do Clube do Conto, “uma grande oficina sem mestre em que todo participante se aperfeiçoa”

Foto: Leonardo Ariel



Publicado pela editora de André Ricardo Aguiar, livro de contos de Maria Valéria Rezende (acima), “Toda palavra dá samba” (ao lado), ganhou o prêmio Biblioteca Nacional, em 2024



Imagem: Reprodução/Dromedário

mesma necessidade, a de cultivar a literatura feita aqui e lá fora, e também como forma de ofício. Embora ainda não saiba definir com precisão de que modo a edição de livros norteia a sua trajetória — até porque é uma atividade recente —, André percebe que ela passou a fazer parte do seu cotidiano. “Dizem que o editor é alguém sem tempo para mais nada, e sei de casos em que a pessoa apenas edita livros, e olhe lá. Eu faço o que posso, mas também não consigo abrir mão de escrever e de publicar os meus próprios livros. Se vou conseguir equilibrar todos esses pratos, só o tempo dirá”.

Por enquanto, o paraibano segue sem pressa e consegue — ano sim, ano não — colocar algum material nas editoras, publicar contos em revistas, manter certa atividade nas redes sociais e editar livros de outros autores. A rotina, de certo modo, acaba sendo uma grande fonte de inspiração para o seu próprio trabalho de escritor.

Segundo o escritor, manter uma editora e, ao mesmo tempo, a prática de escrever são caminhos que, às vezes, correm em paralelo, sem, necessariamente, se cruzarem. “Mas, como experiência, ajudam mui-

to. Tudo que envolve livro, para mim, é essencial”.

André Ricardo Aguiar destacou que criou a Dromedário com o intuito de aprender a editar. Então, implantou um negócio pequeno, pois trabalha em casa com *notebook* e acompanha a trajetória de cada livro, comparando aos lançamentos com o mesmo empenho com que edita as publicações de sua autoria. Porém, nem tudo é só labuta e desafio; há também conquistas. “Ganhamos o prêmio Biblioteca Nacional na categoria contos com *Toda palavra dá samba*, de Maria Valéria Rezende. Uma surpresa e tanto, pois foi o segundo livro da editora (publicado em 2023)”.

Em entrevista ao *Correio das Artes*, Maria Valéria Rezende afirmou que foi uma surpresa a notícia deste reconhecimento, até porque André Ricardo inscreveu a obra sem avisá-la. “Ele mandou o livro para o concurso da Biblioteca Nacional e não me disse nada. Um dia, acordei com todo mundo me telefonando, dando os parabéns, e eu perguntava: Parabéns por quê? Que prêmio? Agora, a gente tem que mandar todos os outros para ganhar muitos concursos”, disse Maria Valéria Rezende.

Clube do Conto

A escritora conhece André Ricardo Aguiar desde 2005, quando iniciaram o Clube do Conto que, atualmente, é realizado, semanalmente, na casa dela, em João Pessoa. Segundo Maria Valéria, o clube é uma grande oficina sem mestre em que todo participante se aperfeiçoa, porque a cada encontro é lançado o desafio de escrever um conto sobre o tema escolhido na reunião. “Então, o que acontece? A gente passa a semana inteira matutando o que eu posso falar disso daí, que não vai passar na cabeça dos outros. Isso é um estímulo à criatividade, porque o Clube do Conto não é o ‘clube do contista’. Tem gente que pode vir só para ouvir contos. Mas todo mundo que vem para ouvir, depois de um tempo, começa a escrever também”, comentou.

André Ricardo contou que há uma média de 50 integrantes no grupo e a proposta, além de produzir e ler contos, é publicá-los em antologias. Cada reunião congrega cerca de 20 membros, que contribuem para outro objetivo do clube: descobrir novos talentos.

“Em um sentido mais amplo, a existência de um clube é

supor um sistema maior, pois a literatura precisa de grupos, de rodas de leitura. Estamos numa crise em que, em muitos momentos, o livro parece ser um corpo estranho. O que observamos mais e mais é um desgaste pela ditadura da tela eletrônica, onde não se aprofundam os temas, mas apenas a vertiginosa gula por irrelevantes informações e *fast food* cultural. Um Clube do Conto abre um portal para um universo necessário, de troca humana e da velha arte de criar histórias”, salientou André Ricardo.

A visão crítica do paraibano sobre a “ditadura da tela” e a vontade de empreender esforços para tentar, de alguma forma, mudar essa realidade, demonstram o apego do autor à literatura. De acordo com a amiga Valéria Rezende, a vida dele é literatura. “É a única coisa que, realmente, ele assume. Durante muito tempo, foi apenas escrevendo, mas chegou a completar toda a cadeia, porque ele também é editor”, contou.

Ao ser questionada sobre a poesia de Aguiar, ela não titubeia. “É um dos poucos poetas que eu entendo. Porque eu tenho, hoje, muita dificuldade em compreender tudo. Publica-se

demais poesia ou coisas sob o título de poesia. Mas sou muito antiga, sabe? Eu sou do tempo em que, quando a gente era criança, decorava poesia, era a lição de casa da escola. Decorar e recitar. E era um tempo em que a poesia rimava e tinha métrica. Até hoje, sei sonetos de Camões”, confessou.

E com relação aos contos de André Ricardo? “Ah, são ótimos. Aliás, escrever é uma coisa que poderia ser natural para todo mundo. Nós nascemos para ser artistas. Você vê que toda criança mal aprende a andar, você bota a música e ela sai dançando. Você pega a criança que está no berço e daí a pouco ela começa a cantar. Você põe papel e lápis na mão e toda criança desenha, e assim por diante. Só que, para o capitalismo, se todo mundo for artista, pela lei da oferta e da procura, você não pode transformar aquilo em mercadoria com preço interessante para o capital”, refletiu a premiada escritora.

“Encontro das Traças”

Independentemente dos ideais capitalistas, André Ricardo Aguiar segue mobilizando-se em nome da disseminação da leitura, da escrita, da arte literária. Outro projeto que engajou-se foi o Encontro das Traças, feira de troca de livros usados que teve 10 edições, circulando por algumas cidades da Paraíba. Segundo ele, a ideia surgiu, provavelmente, em 2013, em um “domingo tedioso”, em que a intenção era encontrar gente que gostasse de ler e partilhar.

A primeira edição ocorreu em um *shopping center*, com menos de 10 pessoas reunidas que levaram livros para a troca. A partir da modesta reunião, o idealizador pôde perceber que a iniciativa tinha potencial e prosseguiu com as demais. A se-

gunda ocorreu em um bar e um número maior de pessoas compareceu. Um ano depois, a produtora cultural e escritora, Valeska Asfora, também abraçou o projeto que ganhou um edital de Fomento Cultural pelo Ministério da Cultura (Minc).

“Colocamos como contrapartida para a verba a realização de 10 encontros. Não eram sistemáticos, mas tínhamos um ano para trabalhar em três cidades (João Pessoa, Campina Grande e Cabedelo). E com isso, fizemos todos os 10, com mesas de livros para trocar ou mesmo pegar e deixar, com lançamentos de obras e bate-papo, com exibição de curta, com música ao vivo. Uma experiência que variou de público, mas sempre gratificante. Ainda existe a possibilidade de tentarmos mais, no calor dos novos editais. A difusão de leitura é sempre necessária, visto o hábito brasileiro ser tão irregular, segundo as últimas pesquisas”, declarou o escritor.

Destaque no Nordeste

Um dos integrantes do Clube do Conto é o professor, poeta e escritor Egberto Vital. Apesar de, há algum tempo, ele acompanhar o trabalho de André Ricardo por meio dos seus livros publicados e de um *blog* que o paraibano dividia com a escritora Rosa Amanda Strauz, eles se conheceram, pessoalmente, há dois anos. Segundo Egberto, o nome de Aguiar ocupa um lugar de destaque na literatura brasileira contemporânea, especialmente na do Nordeste.

“Sua produção constante, sua originalidade e sua atuação como editor e articulador cultural o colocam entre os nomes mais relevantes da sua geração. Ele não apenas escreve com excelência, mas também contribui para a formação de leitores e

Criado há mais de 20 anos, o Clube do Conto tem uma média de 50 integrantes, que produzem textos (que podem ser publicados em antologias), promovem leituras e descobrem também novos talentos



Fotos: Arquivo do Clube do Conto



Foto: Klinsmann Emanuel/Divulgação



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo A União

Egberto Vital (E) conta que Aguiar tem uma voz muito própria, que transita, com naturalidade, entre a poesia, a prosa e a literatura infantil; Deborah Dornellas (C) afirma que o paraibano é um dos principais nomes da literatura brasileira nas gerações mais recentes; já Linaldo Guedes (D) analisa que a poesia de André Ricardo tem técnica e conteúdo

escritores — algo fundamental para a vitalidade do nosso cenário literário”, afirmou.

A coerência, a paixão pela leitura e a postura de estar sempre exercendo algo em prol da literatura são as marcas do paraibano citadas por Egberto, que também ressalta a característica de André Ricardo de ser um autor múltiplo. “Ele transita, com naturalidade, entre a poesia, a prosa e a literatura infantil, sempre com uma voz muito própria”.

Como editor, o professor afirmou que o amigo do Clube do Conto tem mostrado um olhar generoso e atento à produção contemporânea, oferecendo espaço para novas vozes e também para autores já estabelecidos. Dessa forma, a Dromedário figura como uma extensão do compromisso do editor para com a literatura.

Já o André prosador é visto por Egberto como alguém que escreve “com inteligência e ironia refinada”. De acordo com ele, os contos e crônicas do escritor têm uma precisão que surpreende e uma atmosfera que remete ao insólito, ao fantástico e ao cotidiano, sendo visto por um ângulo pouco usual. “É como se ele tivesse um olho clínico para enxergar o extraordinário onde ninguém mais vê”.

A poética, por sua vez, é descrita por ele como sutil e filosófica, mas também carregada de humor e delicadeza. “André tem o dom de provocar reflexão, sem perder a leveza — um equilíbrio raro”, salientou Egberto. O professor ainda acrescentou que essa escrita poética é ao mesmo tempo acessível e sofisticada, fazendo o leitor rir, pensar e se emocionar com a mesma intensidade.

Outra participante do Clube do Conto da Paraíba é a escritora, jornalista e artista visual carioca Deborah Dornellas. Os dois ficaram mais próximos desde que ela se mudou para João Pessoa, em 2022. “Mas eu já conhecia o André, já tinha uma amizade virtual pelo Facebook, há alguns anos”, frisou.

Deborah revelou que não conhece outra pessoa mais “apaixonada e fissurada por livro e literatura” do que o amigo paraibano e, assim como Egberto, acredita que o trabalho de André já ultrapassa as divisas da Paraíba. “Podemos dizer que ele é um dos principais nomes da literatura brasileira nas gerações mais recentes, principalmente da literatura paraibana. Acredito que a tendência é ele crescer mais ainda, pois é um leitor excepcional. Para a literatura, isso é algo fundamental.

Além disso, André é uma pessoa admirável”, declarou.

Na bibliografia do paraibano ainda não consta um romance, porém, pelo potencial que o autor demonstra como contista, poeta e escritor de livros infantis, Deborah Dornellas não vê, nesta empreitada, algo impossível. “Acho excelente os contos e a poesia dele, tudo que o André faz tem qualidade e também seria um belo romancista. Ele ainda não estreou no romance, mas tem a manha do texto, então qualquer coisa que André resolver pegar para fazer ele faz, sabe? A verdade é essa”, enfocou.

O escritor, jornalista e editor, Linaldo Guedes, conhece André Ricardo Aguiar há 15 anos e já foram parceiros de sonhos, ideias e poemas. Para ele, o trabalho do itabaianense está no rol do que há de melhor em literatura no país. “Considero André um dos melhores poetas surgidos na Paraíba a partir da década de 1990. Sua poesia tem técnica e conteúdo; está no nível do que de melhor se produz, em termos de poesia, hoje, no Brasil”, frisou Linaldo, acrescentando que gosta bastante dos minicontos assinados por Aguiar, mas tem maior admiração pelo poeta e pelo prosador.

Mais sobre o autor

Até os quatro anos de idade, André Ricardo Aguiar morou em sua terra natal, o município paraibano de Itabaiana. Depois a família mudou-se para João Pessoa, onde viveu toda a adolescência e vida adulta, com um intervalo de cinco anos quando fixou residência na Serra Gaúcha, em Caxias do Sul (RS).

O escritor e poeta nasceu no dia 24 de agosto de 1969. Os pais, ainda vivos, são Geraldo Almeida de Aguiar — que trabalhou muito tempo como tesoureiro na prefeitura de Itabaiana — e Maria de Lourdes Almeida de Aguiar, que era auxiliar de enfermagem. Ambos, com 82 anos, estão aposentados.

André Ricardo iniciou os estudos no Colégio Nossa Senhora das Neves, no Centro Histórico de João Pessoa. Depois, alternou em várias escolas: Fenelon Câmara, Ecit João Goulart (na época, polivalente); Escola Técnica, onde estudou Eletrotécnica, mas não concluiu, e o Colégio João Paulo II. “Fiz vestibular para Jornalismo, dois anos, e abandonei o curso. Acabei cursando Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB)”.

Entre as memórias de infância, André se lembra do ambiente do interior, local onde passava dois meses por ano nas férias, daí a razão das lembranças do mato, do rio e do pomar dos avós. A chuva, a cheia do rio no inverno, as festas juninas, o Natal, os passeios de bicicleta, a brincadeira com os peixinhos do rio, os pés de goiaba, de manga estão no leque das boas recordações. “Também ouvia

Entre as memórias de infância, André se lembra do ambiente do interior, daí a razão das lembranças do mato, do rio e do pomar dos avós

os discos de vinil do meu tio e brincava com a meninada. À noite, adorava inventar histórias de terror para os vizinhos e amigos na pracinha. A convivência com a família foi muito disso, os tios, os avós, os primos. Família reunida em festas numa casa grande”, contou.

Atualmente, o *hobby* principal do paraibano é a leitura, muito mais que a escrita. Segundo ele, escrever “é uma necessidade para não guardar o que precisa falar ou mesmo criar um lado lúdico”. André Ricardo Aguiar é solteiro, mora no bairro pessoense do Castelo Branco com os pais, e tem uma filha, Larissa, de 31 anos.

Devido ao gosto pelos livros, ele cultivava uma biblioteca com cerca de 1.400 títulos. “Outra distração são os jogos de tabuleiro, em especial o xadrez. Jogo toda semana, nem que seja na internet. Também gosto de tudo o que é jogo, principalmente os de raciocínio. Eu me considero também um cinéfilo mediado e consigo ver filmes (*streaming*, cinema e TV). E tento sair do sedentarismo fazendo algum exercício, o atual, natação”, finaliza André Ricardo Aguiar, sempre um inimigo da inércia.

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal A União e repórter do ‘Correio das Artes’. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



Foto: Leonardo Aiel

Francisco de Sales Gaudêncio:

a arte de biografar (e se apaixonar)

Com mais de duas décadas na estrada biográfica, conheça as técnicas do autor paraibano sobre “trazer a realidade da pessoa, sem acrescentar e sem tirar”

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Quando se debruça sobre a trajetória e os feitos das personalidades que — espontaneamente ou a convite — propõe-se a biografar, o escritor Francisco de Sales Gaudêncio busca mais do que depoimentos ou registros. Ele se envolve. “A primeira coisa a fazer é se apaixonar. Esse é o termo. Você se apaixona pela obra, pela pessoa e pela ação da pessoa”, revela. Assim foi com seu mais recente biografado, o educador Afonso Pereira da Silva, e com os outros quatro nomes que constam no currículo do imortal da Academia Paraibana de Letras (APL).

Com uma montanha de biografias já realizadas, imortal da Academia Paraibana de Letras (APL) teve seu primeiro personagem na figura do latinista areense Joaquim da Silva, há mais de 20 anos, quando fazia seu doutorado em História Econômica, pela USP

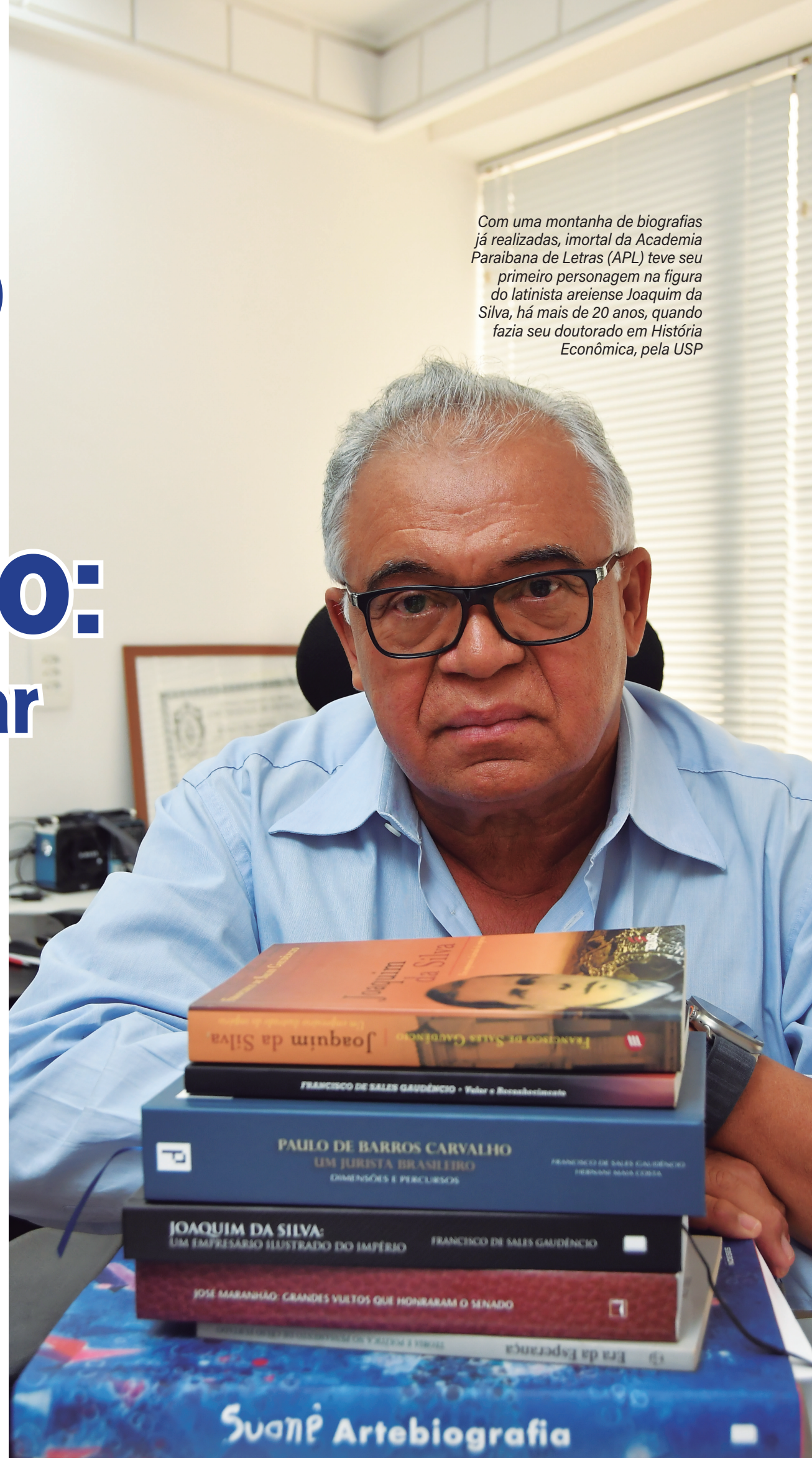


Foto: Leonardo Ariel

A carreira de biógrafo de Sales Gaudêncio foi se tecendo ao longo de mais de 20 anos, desde que, durante o doutorado em História Econômica, pela Universidade de São Paulo (USP), estudou a vida de Joaquim da Silva, latinista areense respeitável e grande empreendedor. A tese se transformou no livro *Joaquim da Silva: um empresário ilustrado do Império* (a primeira edição foi de 2007, e uma segunda, revista e ampliada, de 2023), e chamou atenção do jurista paulistano Paulo de Barros Carvalho, que fez questão de convidar o autor para escrever também sua biografia. Depois veio *Suanê: artebiografia* (2019), sobre a artista plástica pernambucana Lúcia Suanê Carvalho Nóbrega, e *José Maranhão* (2023), que integra a coleção *Grandes Vultos que Honraram o Senado*. Agora, ele está lançando *Uma vida por escrito: estudo biográfico de Afonso Pereira da Silva*.

A formação em História e Direito, assim como a experiência como docente universitário e gestor público credenciaram Sales Gaudêncio a transitar por áreas tão distintas quanto a educação e a política, as artes e a cultura. Ainda assim, para ele, cada biografia é uma emoção. “É um despertar diferente. Por exemplo, escrever *José Maranhão* foi fácil para mim, porque eu convivia com ele há 20 anos, privava da amizade dele e fui seu secretário de governo por duas vezes. Então, não foi muito difícil. Eu sabia onde as coisas estavam. É diferente de Joaquim da Silva, que viveu há 150 anos e eu tive que trazer o mundo dele de volta”, comenta.

As técnicas de pesquisa variam conforme o biografado e precisam considerar as diferentes realidades que os envolvem. Para escrever sobre Paulo de Barros Carvalho, por exemplo, Gaudêncio viajava todas as quintas-feiras para São Paulo (SP), a fim de realizar entrevistas, consultar documentações e outros registros. Foi nessas idas e vindas que percebeu que o entrevistado não falava muito sobre o pai, que era fiscal da Receita Federal. Precisou recorrer aos jornais da época para compreender alguns episódios e construir uma relação de maior confiança. Os laços entre biógrafo e biografado tornaram-se tão fortes que Francisco de Sales Gaudêncio mantém uma amizade com Paulo de Barros e o visita frequentemente.

No caso da artebiografia de Suanê era preciso ser criativo e contar com bastante paciência, pois a artista plástica era muito introspectiva e falava muito pouco. A saída era entrevistar familiares e outros artistas próximos dela. Foram praticamente três anos de viagens da Paraíba a Águas Belas, no interior de Pernambuco, e muitas vezes quando chegava na cidade e avisava que estava indo entrevistá-la, ela dizia que não poderia atendê-lo porque estava preparando um quadro. “Eu tinha cada surpresa extraordinária. Para elencar as obras dela, por exemplo, eu deixava uns seis quadros separados e pedia para ela não mexer que no dia seguinte voltaria. Quando retornava, só havia cinco quadros. Eu perguntava pelo outro quadro e ela dizia que estava no hospital, pois tinha rasgado. Ela tinha um facão com o qual assassinava as obras que não gostava e que achava que não teria projeção”, relata.

História oral, fontes primárias e estudos correlatos são outras formas de pesquisa do biógrafo, que, apesar de mergulhar nos registros

da trajetória de cada pessoa que se propõe a descrever, sempre fica com a sensação de que algo poderia ser melhorado, porque o ser humano não pode ser visto por completo e nem está pronto e acabado. A forma que encontrou para superar isso foi a biografia modal, que envolve tudo que está em volta do indivíduo, desde os fenômenos às condições sociais. “Biografia, para mim, é isto: é trazer a realidade da pessoa, sem acrescentar e sem tirar, mas dizer o que é”, define.

Bio do homem múltiplo

A mais recente obra do escritor, *Uma vida por escrito: estudo biográfico de Afonso Pereira da Silva*, nasceu de um convite da filha do intelectual paraibano, a professora e ex-reitora da Unipê, Ana Flávia Pereira, e se propõe a ir além dos vários estudos e relatos já publicados sobre a vida e a obra do educador.

“Afonso Pereira está sendo devolvido ao berço natural dele como um homem múltiplo. Ele não foi só, como se diz, um homem além do seu tempo: ele é o homem que fez no tempo. Fez muita coisa, se

envolveu com muita coisa, foi um idealizador e, sobretudo, um executor. Ele teve um projeto de educação para a Paraíba como nenhum tempo teve, mas ele era um homem tão despojado de qualquer vaidade e tão simples, que você não reconhecia nele a pessoa que ele foi”, aponta o escritor, que durante as pesquisas descobriu que a escola onde fez o curso de datilografia, em Uiraúna (PB), era parte do projeto daquele que, um dia, escreveria a biografia.

Para o futuro, Francisco de Sales Gaudêncio conta os milagres, mas não os nomes dos santos: já está realizando entrevistas e viagens ao Sertão do estado para biografar um empresário paraibano, que conhece desde menino. Há mais dois na fila de espera: um cirurgião plástico paraibano, que mora em São Paulo (SP), e um advogado que reside em Brasília (DF). Pelo jeito, na trajetória do escritor não faltará as novas paixões.

Marcos Carvalho é repórter do Jornal **A União**, mestre e doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), além de desenvolver pesquisas sobre jornalismo e narrativas transmídia.



Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com

**Afinal, o que quer
uma mulher?**

Trinta Julianas

Você nasceu no início da tarde de uma sexta-feira. Mais precisamente às 13h10. Uma bonita hora para nascer — hora de descansar depois do almoço.

Perdi as contas de quantas vezes coloquei você para dormir, balançando uma rede presa com um cabo de vassoura. Assim, você ficava no fundo e não corria o risco de cair. Uma vez, você caiu do carrinho de bebê. Alguém te presenteou com um carrinho feio, bem baratinho. Como era da família do seu pai, tive que aceitar. Com raiva, mas aceitei.

Eu tinha 19 anos, não trabalhava, vivia zonzona com sua chegada. A gravidez foi uma

surpresa. Me submeti a vários exames: o beta HCG deu errado, o ultrassom não conseguiu te ver. As médicas não entendiam por que eu não estava menstruando.

Enfrentei tudo calada. Seu pai não conseguia me ajudar. Hora ria, hora se assustava. Foram cinco meses de dúvidas até o médico do laboratório dizer com algum entusiasmo: “A senhorita está supergrávida”.

Eu não entendia o que aquele exame dizia. Acreditava que era como nas novelas: positivo ou negativo. Depois de saber que estava “supergrávida”, senti medo. Não sabia o que seria dali para frente. Até você nascer.

Depois disso, muita coisa fez sentido para mim. Comecei a ter medo de morrer. Não queria que ninguém te maltratasse. E eu consegui. Óbvio que sua vida não foi perfeita — e nunca deixei de sentir culpa quando me lembro de algum erro. Mas que mãe não erra?

Um dia desses, assisti a um vídeo da Conceição Evaristo, dizendo que só pôde ser a mãe que foi graças à mãe que teve. Vi esse vídeo algumas vezes, tentando me perdoar por não ter tido uma mãe que me desse o que eu nem sei se fora dado a ela.

Você foi uma criança doce. Uma nuvem de afeto e alegria. Assistiu *O Rei Leão* mil vezes.

Foto: Leonardo Ariel



Para Sales Gaudêncio, as técnicas de pesquisa podem variar conforme o biografado e precisam considerar as diferentes realidades que os envolvem

Dublava o filme inteiro. Uma vez, fomos ao cinema, em São Paulo, e você chamou a atenção da plateia com seu sorriso gostoso. Até hoje, quando você se permite, seu sorriso é uma explosão de estrelas.

Ser sua mãe, com 19 anos de diferença entre nós, nunca foi fácil. Na infância, você exigia toda a atenção do mundo — e eu não tinha condições de dar. Mas o amor crescia. Eu me impressionava como aquele sentimento era fermento consistente. Crescia firme. Não havia dúvida.

Na sua adolescência, consegui um emprego em Currais Novos e deixei você em João Pessoa com titia. Todas as vezes que te ligava do orelhão, perto de casa — que era em frente ao batalhão da PM —, você sempre me pedia para cantar sua música preferida de Vinícius de Moraes. Sim, aos 10 anos, você amava ouvir as músicas dele. Havia uma que

te fazia chorar. Lembrava a perda, e seu amor não permitia a ideia de perder sua mãe.

Mas a cantoria em frente ao quartel durou apenas cinco meses. Logo estávamos nós duas morando em Currais Novos. Lá, sem nosso apoio familiar, você se sentia sozinha. Foi aí que chegou Caju, nosso atrapalhado pastor belga. Vocês se davam tão bem. E mesmo sem cuidar dele como devia, eu sabia o quanto você o amava.

Mudamos de casa e você queria tocar violão. Comprei um. Foi a segunda grande surpresa depois de Caju. Quis colocar você numa escola de música, e você se negou. Seis meses depois, lá estava você, cantando Zeca Baleiro para mim e Caju, sua fiel plateia. Depois, formou um grupo musical e ganhou um concurso. Comprei pizza, e você disse que era mico. Assim também foi quando começou a competir na natação da escola. Ganhou várias

medalhas e não me deixava ir a nenhuma. E pior: eu obedecia. Nem um maiô você aceitava que eu comprasse. Nunca aceitava as roupas que eu escolhia sem sua presença.

A idade foi chegando e as coisas começaram a ficar difíceis. Uma hora, você queria ser a Dulce Maria do RBD. Depois virou Emo. Outra hora, virou forrozeira. E eu só queria que você chegasse cedo em casa.

Depois dos 15 anos, eu sentia amor e ódio. Toda semana vinha uma surpresa desagradável. Você não me obedecia. Eu procurava minha menina. A mesma que pedia para dormir comigo e que ganhou o prêmio de melhor leitora da escola aos sete anos. Procurava, e quanto mais queria essa menina, lá vinha a adolescente.



Ilustração: Tônio

Primeiro, a insegura — que ainda aceitava sair comigo. Sempre íamos almoçar às margens do Gargalheiras, ou íamos à padaria, agarradinhas. Como sinto saudades dessa época.

Depois, chegou aquela que ia escondida para Caicó e costumava aprontar na escola. Houve uma época em que eu saía toda semana do trabalho para ouvir os coordenadores falarem algo chato e me julgarem por ser psicóloga e não ter você como paciente. Quem já viu?

Nessa etapa, precisava puni-la. Na tentativa de lhe doar sozinho, sofria um bocado. Sei que nunca consegui.

Seu pai quase não participava de nada. E seus avós paternos armavam para tirar sua pensão. Porque, além de criar sozinho, eu também devia custear todas as suas despesas. Afinal, segundo eles, eu gastava toda a fortuna que seu pai mandava — dois salários mínimos. Só sua escola custava um salário e meio.

Dinheiro desgraçado. Eu me arrependo até hoje de ter lutado por ele. Como sofreremos juntas por causa dessa pensão. Eu me arrependo porque, mesmo com tanta humilhação, nunca te coloquei contra eles. Não como deveria. Falava algo, eu me chateava, mas deixava você conviver com eles nas férias.

Apesar de tudo, acreditava que seria bom você experimentar um núcleo familiar mais convencional que o meu. Lá, você teve a experiência de uma família tradicional. Pago a conta até hoje. Mas acredito que você precisava ter uma família comum — em afetos e em loucuras.

Você é especial demais para que meu egoísmo te privasse

de algo. Aprendeu a falar espanhol fluentemente sozinha. Aprendeu a tocar violão sozinha. Canta muito bem. Escreve com alma e sagacidade. Salvou um cachorro que estava prestes a morrer. Ajuda as pessoas. Você já salvou a vida de uma prima. E nunca te ouvi se gabar por isso, nem tampouco ouvi você reclamar da falta de reconhecimento dos envolvidos.

Você sempre me fez escolher os melhores carros. Sempre disse que eu tinha que viajar. Você cuidou de mim na pandemia. E agora, que anda afastada, sinto saudades daquele tempo. Porque ter você por perto é uma das maiores alegrias da vida.

O amor tem fermento, filha. Não cessa, não tem paradas. Segue seu curso. Eu poderia passar noites e dias escrevendo sobre você — sobre seu nascimento, sua infância, sua rebeldia, sobre sua vida interessante. Porém, tudo se resume em uma só palavra: amor.

Amor que cresce e que não tem fim. Apesar de, na vida adulta, você ter tomado decisões que não compreendo, tento respeitar cada uma delas. Rezo por você antes de dormir e lembro de você todos os dias. Neste mês, você fez 30 anos. Trinta voltas pela lua. Trinta anos querendo te proteger. Trinta anos pensando que você merece ter o melhor da vida. Trinta



Ilustração: Tônio

Julianas na minha história única. E mil anos esperando você voltar.

Feliz vida, minha filha.
Mainha te ama loucamente.

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance 'O que as mulheres carregam nas bolsas'. Mora em João Pessoa (PB).

Uma veneração ao corpo pela sua diversidade

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

A letra “Nu Teu Passo” é uma crítica ao padrão de beleza e também uma espécie de veneração ao corpo, sendo amado pela sua diversidade. A canção faz parte do disco *Malé*, da banda paraibana Mafiota, lançado em 2019.



Foto: Rep./Instagram

Formada em 2007, a banda pessoense Mafiota critica o padrão de beleza com a música “Nu Teu Passo”

“Nu Teu Passo”

Letra: Diógenes Ferraz
Música: Mafiota

*Eu gosto do teu olho torto
Teu sinal de carne perto da boca
Eu gosto de tu, louca
Eu gosto do teu
Teu animal
Se teu de verdade o bem e o mal
O bem e o mal*

*Eu prefiro esse teu corpo
Esse que dança, que deixa solto
Esse das sobras
Me prende e dá vontade de comer
Esse das faltas,
Que sente vontade de você
Vontade de você
Vontade de você*

*Eita nu bonito
Teu corpo gostoso
No teu infinito
Esse ar dengoso*

*Amanhecer
(A manhã é ser)
Entardecer
Anoitecer
Amanhecer
Entardecer
Endoidecer
A noite ser...
Nu teu passo!
Endoidecer!*

Lançado em 2019, o álbum “Malé” é uma mistura de ritmos que vai do coco e reggae ao funk

Compreensão da música

O eu lírico descreve cada detalhe do semblante da pessoa desejada, exemplificando “olho torto” e “sinal de carne”, mas, ao mesmo tempo, associa o lado animal sendo verdadeiro como “bem” e “mal” (antítese que o ser humano carrega em seu ser, tendo sempre uma ideia oposta à outra).

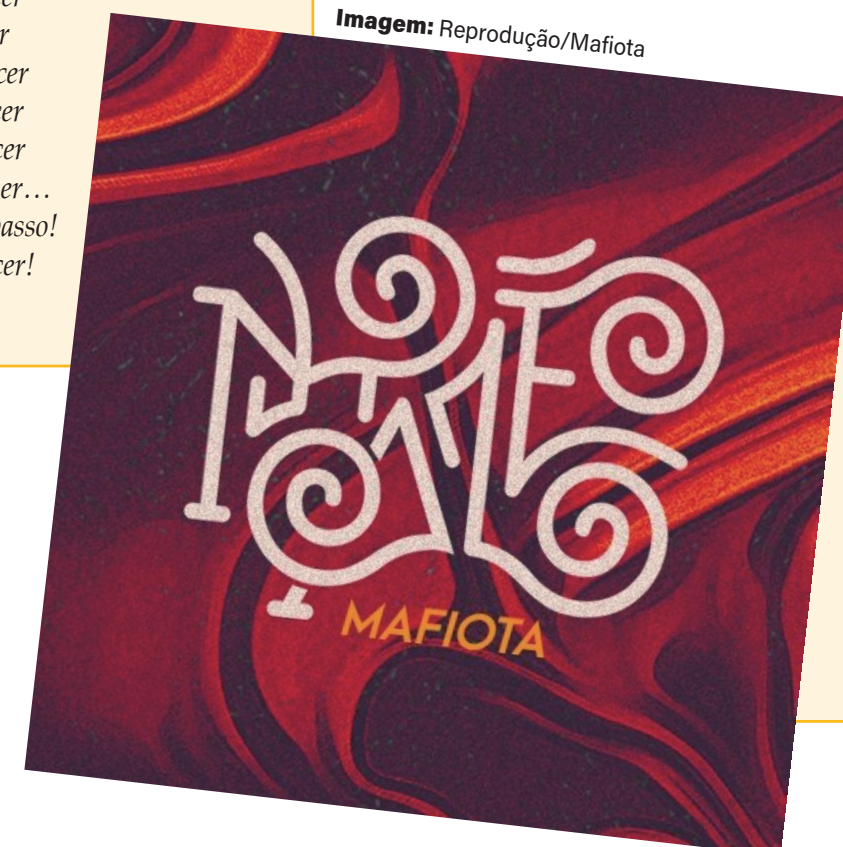
Na sequência, o eu lírico descreve a existência dos corpos do que falta e do que sobra no intuito de atar e empanurrar-se da pessoa desejada. Exemplo: “Eu prefiro esse teu corpo / Esse que dança que deixa solto / Esse das sobras / Me prende e dá vontade de comer / Esse das faltas / Que sente vontade de você...”.

O eu lírico começa a admirar o corpo da pessoa desejada,

usando a palavra nu como referência àquilo que sente. As palavras-chaves são “bonito, gostoso, infinito e dengoso”. Em sua visão, a palavra nu é usada como afã nos versos “Eita nu bonito”. Pode-se observar também que, além de ser enfatizada a expressão nu pra designar a veneração, nos versos “No teu infinito” também pode ser visto como apontar, designar o infinito como algo além da imaginação do nu, agindo de forma astuciosa.

No desfecho, o eu lírico vai descrevendo as passagens do dia, associando o desejo e o tempo com a pessoa desejada. Dessa forma, a variação entre matutina, vespertina e noite chegam trazendo o trocadilho de rituais, ou seja, é como uma inversão de palavras de forma proposital de acordo com os acontecimentos. Exemplo: “Entardecer / Anoitecer / Amanhecer, entardecer / A noite ser... nu... teu passo!”.

Imagem: Reprodução/Mafiota



Leia o QR Code acima e acesse o videoclipe oficial da banda no YouTube

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM, com o quadro ‘Eu Lírico’ (2017-2018).



Analice Pereira
marianalice@hotmail.com

Clarisser

O amor está para a amizade*

(da série qualquer maneira de amor vale um conto)

No dia em que Bebeto falou sobre suas ex-companheiras, Paula, do seu carro, olhou pelo retrovisor e viu o mar se afastando se afastando... retangular e de pouquinho em pouquinho as casas aparecendo e depois se afastando... de pouquinho... E não conseguia deixar de pensar naquelas duas mulheres que acabara de conhecer, pelas palavras e impressões de Bebeto. Com elas, Paula formaria um tríptico de tons foscas e de luzes sinuosas: vazio, visão e vontade. Ria da possibilidade de inventar mais um "V": inventar uma verdade. Haveria outras confluências? Decidiu que poderia preencher-se, de alguma maneira, daquelas mulheres. Abriu sua escuta, tentando se desarmar daquele sentimento impiedoso do ciúme que já começava a afetar o seu amor, para entender, pela perspectiva de Bebeto, aquelas duas mulheres com as quais ele tinha vivido, em tempos e formas bem diferentes. E cantarolava: "Não posso crer que o ciúme / Torne alguém imune ao desamor"**.

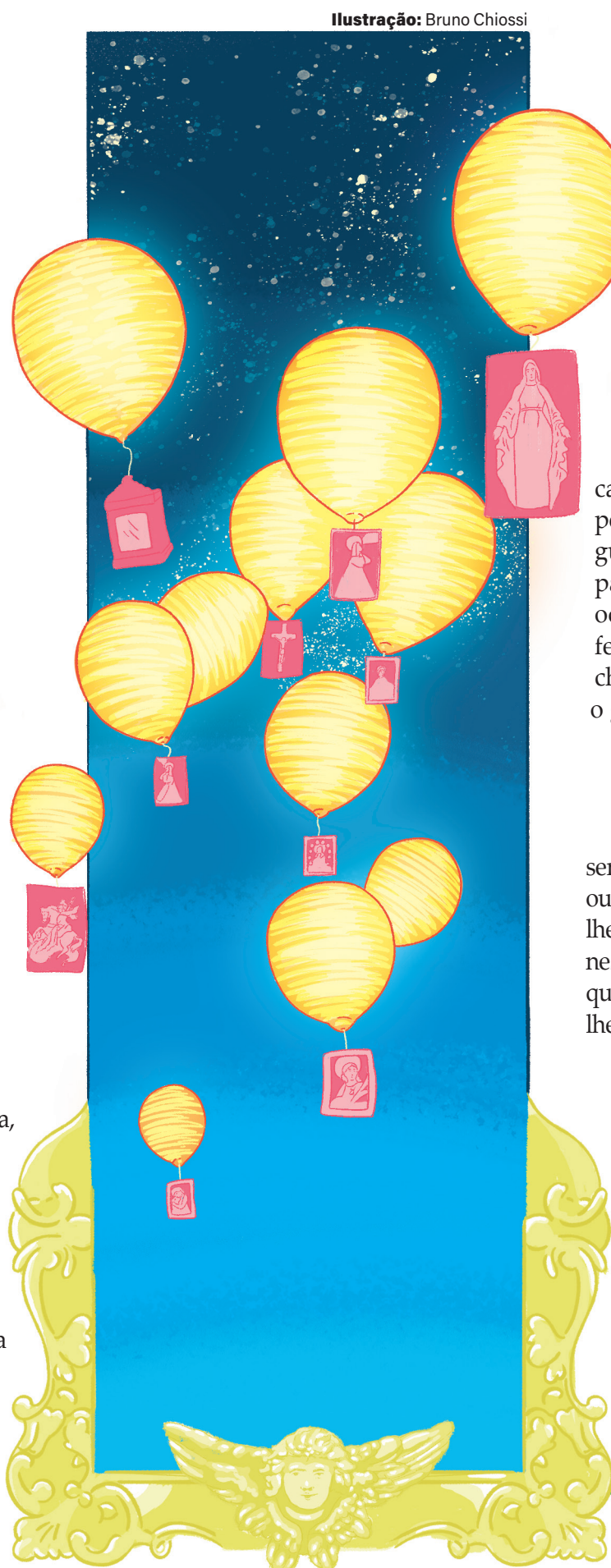


Ilustração: Bruno Chiossi

Foi como uma luz divinal e com gestos impetuosos, que Paula apareceu para Bebeto, da primeira vez, e isso, constrangedoramente, a alegrara. Lembrou imediatamente de um sonho de quando era criança: milhares de balões pendurados no céu noturno com imagens de santos, nossas senhoras, corações de Jesus e luzes estelares. Deslumbramento em altíssimo grau. Revelação de que no céu, que parecia vazio, tinha tudo: a fé em algo além de nós e em nós mesmos.

Apesar da pouca idade, Paula também tinha um passado marcado por abandonos. Sabia o que era viver no deserto. E, nesse pensamento, fez-se ouvidos a Bebeto. E foi numa espécie de ambiguidade formatada na voz de Bebeto que Paula entendeu o que se passava naquele tríptico composto por ela, Isa e Bel, sendo Paula ocupando a posição da imagem central, cujas abas laterais, ao se fecharem, cobriam-na completamente, e de cujo breu saía um fecho de luz pelo qual podiam tocar e sentir, como nunca sentiram, o gosto inconfundível de vida.

Num ímpeto estranho, mas de uma força que a fascinava, Paula observava as pessoas em sua volta: o casal jogando bola, meninos correndo, outros nadando, os chapéus das mulheres. Ah como é bonito uma mulher com chapéu na praia! Mas o que imaginava mesmo eram as camponesas trabalhando a terra, com seus chapéus e seus lenços a protegerem o que estava abaixo daquele sol escaldante. Quais as vaidades dessas mulheres? São muitas... E das mulheres da praia? As mesmas.

As descrições que Bebeto fazia das duas mulheres da sua vida passada foram o suficiente para Paula definir que, em sua imaginação, elas usavam chapéus e caminhavam juntas. Uma (veja-se até que ponto chega a imaginação humana) demonstrava pelos gestos das mãos e do andar enquanto falava, que dominava o assunto, tinha certeza da ideia que defendia então. Falava de filhos? De companheiros ou companheiras? Do trabalho? E Paula atribuía a cada gesto um valor de uma situação diferente, mas não

pagava nada para saber do que falavam. Gostava mesmo era da ideia da adivinhação pelos gestos que imaginava. Tomada completamente pelo encanto, Paula já não ouvia Bebeto.

Diz o dito popular que coração é terra sem dono. Mas Bebeto ainda era o dono daquela terra e do coração de Paula. Portanto, ilusão. Porque coração, como terra, tem dono sim, mas coração é desgovernado. E um problema a mais do que isto é que sentir o amor de alguém é algo mais complexo do que se sentir amando.

Paula se iludia na ideia de que era imbatível. Iludia-se, conscientemente, na sensação de que acertava sempre. A vontade de ser amiga, antes de ser companheira, era o que alimentava na relação com Bebeto. Ao fim e ao cabo, o que unia os dois era o ideário de uma transformação, uma utopia, que pudesse se estender às pessoas que trabalhavam em sua terra. Eles queriam experimentar isso. Só não sabiam como, nem quando.

A literatura e a música os ajudariam. Com a sua terrível mania de explorar as complexidades humanas, a literatura e a música lhes mostrariam os caminhos. Não um livro. Não uma música. Mas muitos e diversos... porque são eles que dão conta da falência humana e, também, da sua abundância.

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

(*) Versos extraídos da canção "Língua", de Caetano Veloso;

(**) Versos extraídos da canção "Você não gosta de mim", de Caetano Veloso.

Luís Augusto Cassas, o poeta subversivo

Hoje, com 30 livros, o autor restaura o diálogo entre fé e razão em seus versos

1.

Meu primeiro poema explodiu aos 13, puro sentimento do mundo. E me catapultou para a vida. Batizei-o *Ode ao Menino da Rua*, a palavra, pescada da *Estrela da Vida Inteira*, de Bandeira, que meu pai havia me presenteado.

A poesia já me despertava secreto fascínio. Era leitor dos *Poetas Portugueses Modernos*, a *Antologia da Poesia Latino-Americana* e dos *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, de Neruda que, tio Octávio Passos, do Rio e, tia Marília Cassas, do México, me enviaram, aguçando o apetite.

Menino introvertido e de índole solitária, nascido em 1953, morava em São Luís do Maranhão, à Rua das Hortas, 157, esquina com Viana Vaz, na área histórica, casa velha, com muitas janelas. Naquela época São Luís, comportava poucos automóveis — Volks, Gordinis, Dauphines e alguns importados, o que favorecia a existência de espaços livres, para o futebol nas ruas. E a algazarra era constante.

Pendurado nas janelas, assistia o malabarismo da garotada. Especialmente de um simpático e malandrinho, que despertava a curiosidade. Era uma festa, quando pegava a bola, driblando, inaugurando gols.

Quando terminou o jogo, certo dia, o goleador bateu à porta, suado. Pediu pão e almoço. Descobri a miséria do mundo. Foi minha iniciação à poesia.

Eis o poema. Somente, publiquei-o, agora, final do ano findo, em meu último livro, *Rua das Hortas & Tempo de Meias Moradas*, meu trigésimo título. Não me perguntem o porquê.

Ode ao Menino da Rua

*Um menino é o que vejo na rua
E a única coisa que vejo
É a mão desse menino
que se fez poeta declamando
de braços abertos sua dor*

*Todas as ruas são iguais
E iguais os meninos
Que se multiplicam
nas esquinas e se dividem
na mesma miséria*

*Sobre o cemitério da pobreza
um dia irá repousar
em seu túmulo
O amor a verdade e a paz
e a mão de outro menino*

2.

Sinfonia das sincronicidades. Os livros, os livros, os livros. Treinamento da imaginação, sabedoria e abertura de caminhos para a vida. Amava os contos de Grimm e Andersen, mas Monteiro Lobato não me seduzia. Um raro chegou-me às mãos e me adestrou o caminho. *A Importância de Viver*, de Lin Yutang. Minha alma se desacomodou e abriu espaço para o mistério da aventura, busca, poesia. O tempo consolidou essa expectativa, para certo desespero familiar.

São Luís respirava um ambiente de devoção à palavra. O grande quaternio da poesia maranhense, Gullar, Tribuzi, Nuro, Chagas, a plenos pulmões, derramava a sua inspiração na alma dos novos poetas. Josué

Cassas com um dos dois volumes de "A poesia sou eu" (2013), que reúnem o trabalho do poeta ao longo das últimas décadas

Montello, o mestre do romance, estava no auge de sua saga. Sou sandrade, na eternidade, vivia a fase de redescoberta de sua característica precursora. Ampla efervescência cultural. O governador recém-eleito, José Sarney, escrevia poesia e em breve publicaria romances. Ou seja, a poesia estava no poder.

O ambiente cultural na Rua das Hortas, minha praia de paralelepípedos, era acolhedor e propício à energia do poético. A três quadras da minha casa, esculpido em pedra, o busto de Gonçalves Dias, na grande praça, onde foi plantado, imponente, frente ao mar, olhando em direção a Atins, onde naufragou doente, no naufrágio do Ville de Boulogne, me acenava em seu mistério lírico. Diariamente, à tardinha, ia curtir a paisagem, as palmeiras, o ambiente dos casais de namorados, o vento que soprava nos rostos. E o sabiá da poesia começou a cantar em meu peito.

3.

Meu primeiro livro de poemas, *República dos Becos*, surgiu em 1981, aos 28 anos, editado pela Civilização Brasileira, leia-se Enio Silveira, com estrondo nacional.

Mas, depois, as águas transcorreram mais mansas. E várias editoras me publicaram, destacando a Imago, que publicou a maior parte da minha obra. Viagem e linguagem, acumpliciando o místico e o trágico, o barroco e o amoroso, regional e universal, atravessado pelo viés humoroso e irônico, eis breve retrato de *República dos Becos*.

Minha pequena síntese pessoal e filosófica, guiada por estranho instinto, fui extraindo-a da necessidade de autoconhecimento e busca da sabedoria em minha alma, para tentar entender e suportar o peso e a beleza do mundo.



Foto: Acervo pessoal



Foto: Marlon Bianco Matias/Reprodução

"São Luís (ao lado) respirava um ambiente de devoção à palavra"; perto da casa do poeta, esculpido em pedra, a estátua de Gonçalves Dias (acima), na praça que leva o nome do autor de "Canção do Exílio", em frente ao mar



Foto: Reprodução/CecGP

Perambulei pelos gregos, o hermetismo cristão, a harmonia suf (a escola dos dervixes voadores, de Rumi), a serenidade zen, grupos gurdjieffs, a cabala judaica, o caminho dos 12 passos, o Livro de Thot, os signos em rotação dos estados de consciência, daime, o escambau.

Meu talento para a poesia floresceu e foi se integrando aos novos conhecimentos, frutos de várias confluências, que expandiam a minha consciência e minha jornada em busca de mim mesmo. Sem perder o charme e a capacidade lúdica de me comunicar. E, colhia os frutos da literatura brasileira e universal, da ampla biblioteca que meu pai mantinha em casa, enfiado entre os livros, e, depois, da que fui construindo ao longo do tempo.

Embora meu gosto seja amplo, restrinjo a cinco, por economia de espaço, meus romancistas prediletos: Tolstói, Dostoiévski, Kafka, Herman Hesse e o turco Orhan Pamuk. Em relação aos poetas brasileiros, permaneço

com Drummond, Manuel Bandeira e Gullar, sem jamais esquecer Gonçalves Dias. A beleza salvará o mundo, continuo na defesa dostoiévskiana da crença desse postulado.

A necessidade de integrar fé e razão, que nascera comigo, e considerava irmãs siamesas, levaram-me às tentativas de costurar a sabedoria do oriente com o conhecimento do ocidente, ao aprofundamento da Bíblia, o taoismo, jung, etc., o autor desconhecido, a filosofia, etc., utilizando complexo aparato de sabedoria e conhecimento, não fácil de explicar.

Sentia na alma, a necessidade de articular esse aparente paradoxo, para o conhecimento que, mais tarde, fui aproximando, com todas as quedas e escorregões dos buscadores, numa tentativa de reconciliação entre a sabedoria de Deus e a sabedoria do mundo. As temporadas de desertos, com suas provações, foram ricas e sacrificiais para essa compreensão.

Durante 10 anos, em São Paulo, tive uma terapeuta que ancorava a maior parte de sua sabedoria na cabala e constelações familiares, o que verdadeiramente me impulsionou na compreensão e profundidade dos problemas com os antepassados, o que resolvi, concluindo, em ato poético, dois livros de poemas. *O Filho Pródigo*, sobre meu pai; e *A Ceia Sagrada de Miriam*, sobre a figura materna. Para mim, essenciais, na caminhada.

Mas jamais posso esquecer de comentar a obra *O Retorno da Aura*, publicada em 1994, inspirado nas questões e disciplinas esotéricas que permeavam a minha busca e me forjou novo estado de discernimento, ampliando o temário e rasgando o véu do convencionalismo lírico.

Através do aprofundamento desses novos temas, e a prática da meditação zen e dos 12 passos, abandonei o alcoolismo que me mantinha refém desde a pré-juventude. No final de 2024, foi tirada a

segunda edição de *O Retorno da Aura*, através da Editora 2x4, de Santa Catarina, do meu fraterno editor Valmor Fritzsche, que me vem editando há alguns anos.

Em poesia, bebi em todas as fontes, mastiguei todos os alimentos e me saciei do que julgava o melhor pra minha fome e sede. Ressalvas apenas ao concretismo, com seu escopo de abolição do discurso, pretendendo criar nova poesia, quando considerei-o, o que era, uma corrente literária. Mas, reconheço-lhe o mérito, na espacialização e diminuição das adiposidades verbais.

4.

Lacan afirmava que o escritor não é um poeta, pelo fato de que este nos introduz numa dimensão nova da experiência. "A poesia é a criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo." Assim me projeto.

Reitero meu compromisso com a busca de beleza e da verdade seguindo o caminho

da meditação dos símbolos, fermentadores do inconsciente. Mas confesso, sou um buscador e um não buscador.

A poesia que desenvolvo inclui a relação com a espiritualidade e materialidade do mundo, a convivência com os signos do amor e da paixão, a mitologia do cotidiano e do infinito, a cidade, a mulher, o erotismo, a ecologia integral, a solidão, a crítica da cultura e do consumo, o inconsciente e seus anjos e demônios, a descida aos porões da infância para resgatar arquétipos familiares, até temas incomuns como as doenças, em seu trânsito curativo, que Rilke considerava temáticas que não deveriam constar do cardápio poético. Tudo que toco transformo em poesia. Mas a beleza também, em todos os lugares, muitos desconhecidos, alguns inimagináveis, emprestam-me contribuição à criatividade. E não me fujo delas.

Neste ano de 2025, a partir de maio, farei nova circulação poética entre algumas capitais, iniciando por São Luís, para lançamento de *Os Polifenóis do*

Sol, Meio Amargo e *Rua das Hortas*, saídos em 2024. Todos, nascidos das complexas teias da minha lírica e que demonstram, de maneira múltipla, as muitas faces de um rosto pessoal.

A nova edição de *O Retorno da Aura*, estará também em destaque.

Poesia e conhecimento. Poesia-sabedoria. Pneuma e pneu. Meu interesse vasculha o tudo e o todo — estrelas e cartas de tarô. Sou assim, em minha pequenez, contendo multidões, como dizia Whitman.

Escrevo para descobrir, decifrar, celebrar, implodir, consolar, combater e até ressuscitar, se conseguir, claro. Escrevo com o que posso e tenho às mãos: caneta, lápis de sobralalha, computador, coquetel molotov. "A poesia tem que queimar as mãos".

A poesia sempre foi meu templo, bunker, igreja, cinema, psicoterapia. O leitor, um confidente e amigo. E apresento-me à consciência do mundo como "um livro aberto." E, continuo em processo.

Filho-me a concepção de que o mundo é uma obra de arte em sua representação arquitetônica, coreográfica, musical, trágica e lírica. E a poesia, uma dança dos sentidos, que eleva e enleva o seu praticante, desde que o poeta conceda a ela o seu amor, o seu trabalho, o seu sangue.

E para concluir essa rememoração lúdica que fez tão bem à minha alma, invoco Isadora Duncan, propícia a essa breve despedida: "Só se vive verdadeiramente, quando se dança".

"O Filho Pródigo", sobre o pai; e "A Ceia Sagrada de Miriam", sobre a figura materna, são obras essenciais na trajetória do poeta maranhense



Imagens: Reprodução/Imago

Alma e Flor nas Janelas da Vida

Para a poeta Marli Nóbrega

A alma é uma flor
que nasce nas frestas,
no vão das janelas,
entre o claro e o escuro.

Não pede licença:
desabrocha.

Seu perfume é silêncio
que invade a casa,
enche os copos vazios,
embala os relógios.

Às vezes, o vento a arranca —
semente leve,
lançada no abismo.

Outras vezes, é a própria luz
que a rega,
eterna.

Às margens do Rio Azul

Às margens do Rio Azul, onde o tempo se dissolve,
as águas não carregam nomes, só silêncios antigos.
Ouro e cristal desenham ruas que ninguém calca —
lá, a morte é um espelho quebrado no chão.

O rio não murmura: ele escuta.
Nas suas profundezas, guarda os anelos,
dos que atravessaram sem barca,
só com os pés feridos de esperança.

Às vezes, um pássaro bebe da superfície
e leva no bico um fragmento de céu —
algo que lembra a face de Deus,
ou talvez o verso que nunca escrevi.

À noite, as estrelas se banham nele,
e o azul se torna tão denso
que confunde-se com o abismo.
Ninguém sabe qual é o fundo.

Só sei que do outro lado,
onde a luz não precisa de sol,
há quem espere por mim
com as mãos cheias de infinito.

Cortesia

O silêncio é um abismo,
a vida pode vir
a ser uma cortesia
sem sentido.

A alma pulsa
como um latido
de um cão
sem dono
nas cortesias do amanhecer.

Todos os dias
temos imagens
e consciência da morte,
Sêneca oferece a mão!.

Janelas Internas da Alma

Há uma janela onde o silêncio se debruça,
e o vento traz memórias não escritas.
São páginas de luz e sombra,
dobradas no tempo —
algumas abertas como asas,
outras fechadas em segredo.

Ali, o amor é um rio que deságua
em versos sem pontuação.
A dor, uma paisagem nublada
que a chuva desmancha em tinta.

Olho para dentro:
vejo o pombo branco de Cecília,
pousado no vazio azul da história.
Vejo o jardim do homem pobre,
cada gota um verso caído de seus dedos.

Abro outra janela —
e lá está o mar dos teus olhos,
ondas de espuma que me convidam
a naufragar no vão livre,
sem bússola, sem fim.

Quem olha de fora
dirá que são só vidros e ferrugem.
Mas eu sei:
cada uma é um poema
esperando a luz certa
para se revelar.



Ilustração: Tônio

Irani Medeiros é poeta, escritor e pesquisador da cultura popular. Nasceu em Pombal, no Sertão paraibano e, atualmente, reside em João Pessoa (PB).



Kleide Teixeira

Audaci Junior

Editor do *Correio das Artes*

A arte de fotografar não é apenas ser um artesão da luz, julgar uma composição para pincelar seu quadro ou esculpir o ângulo que o artista julgue o mais apreciável para se ter o passado eternizado no presente e no futuro. Fotografar vai além de tudo isso.

Quem sabe muito bem disso é a fotojornalista Kleide Teixeira. Basta apreciar o pequeno recorte a seguir da dimensão de sua sensibilidade diante as imagens. Um universo desidratado e um universo hidratado. Essas definições vão além da parcial entre 50% e 70% de água corporal do ser humano ou dos outros 70% do líquido que cobre a pele do mundo.

Areia Vermelha, Barra de Mamanguape, Boqueirão, Zona Rural de Solânea, Lajedo do Pai Mateus, em Cabaceiras, a orla e Centro Histórico da capital paraibana, incluindo Cabedelo, onde Kleide fez morada.

É o estado em estados — *ser o Agreste, ser o Cariri e ser o Sertão*. Não é apenas compreender e “cliquear” o que vê. É também deixar o público — além de contemplar aquele instante esculpido no tempo — interpretar e sentir o que está se vendo. E, repito novamente, Kleide também sabe disso quando vai nos entregar a quarta dimensão enquadrada nos seus sensíveis registros.

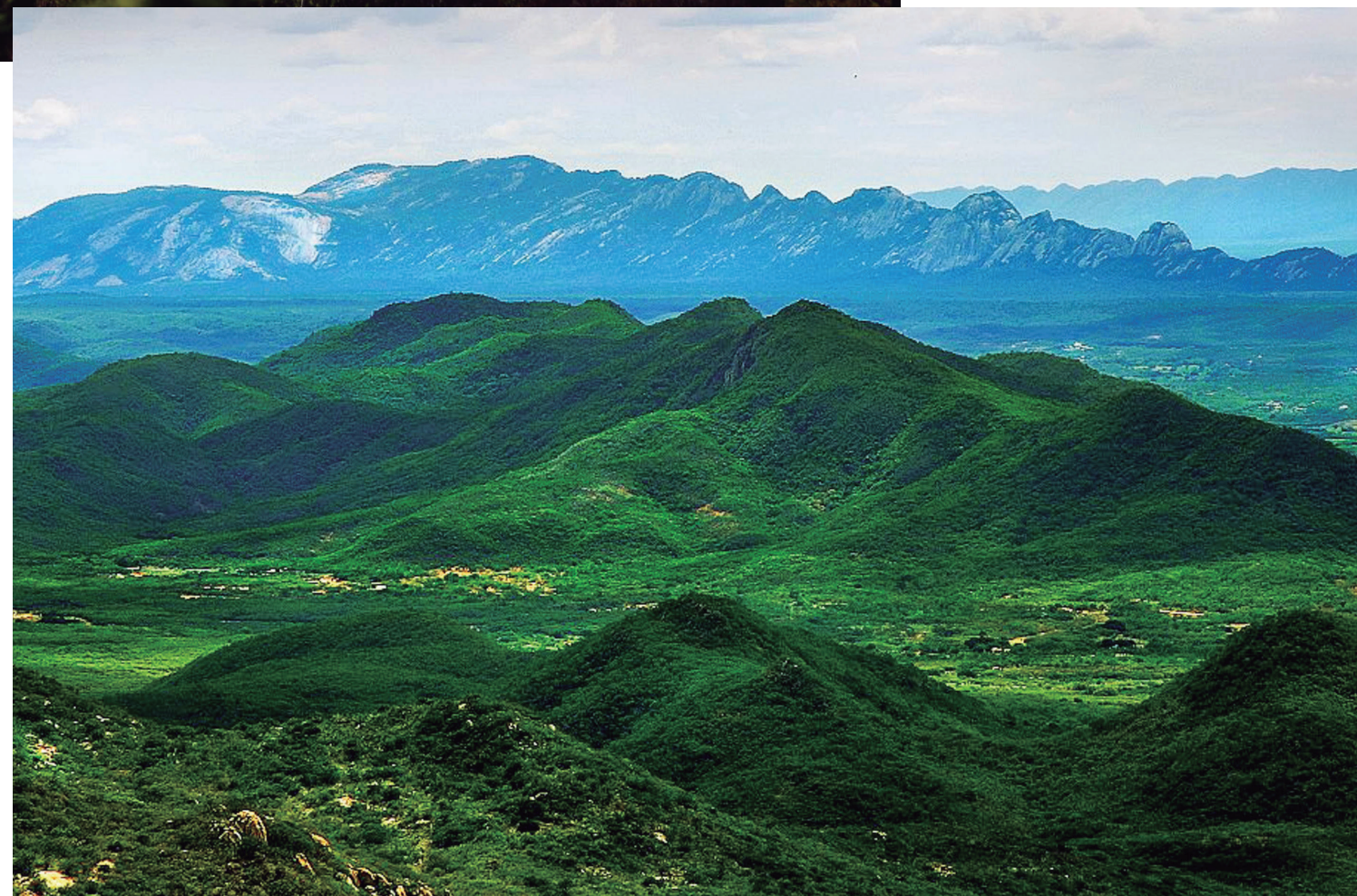
O olhar vai rumando como uma canoa, pela realidade ribeirinha, pelos matizes bem marcados das ondas geográficas do interior, desembocando pela imensidão do mar.

Quando está registrando o interior da Paraíba, por exemplo, Kleide Teixeira também está registrando “o lado de cá” da fotografia, o *seu interior* e também o *interior* de quem aprecia, mergulhado em uma diversidade subjetiva única, de cada um.

Para ser uma excelente fotógrafa, não é preciso lidar apenas com os anos de experiência. É preciso também ser um grande ser humano. Basta ver como Kleide transparece toda a sua personalidade neste pequeno grande ensaio.













Kleide Teixeira formou-se em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), estudou Filosofia na Universidade de São Paulo (USP), trabalhou para várias editoras em São Paulo, foi coordenadora de fotografia da seção de revistas masculinas da Editora Globo. Mora em Cabedelo só para ficar mais perto do mar e gosta tanto da Paraíba, que às vezes, até esquece que é baiana.



Amador Ribeiro Neto
amador.ribeiro17@gmail.com

Festas

semióticas



Machado Fosse Veronesi

No final da obra "Dom Casmurro", Machado frustra expectativas de quem aguardava pelo clímax da investigação

Foto: Marc Ferrez/Rep./IMS

No início de *Dom Casmurro* — tenho voltado a isso algumas vezes, tal meu encantamento — o narrador cogita escrever um livro intitulado *História dos Subúrbios*, mas desiste porque tal empreitada lhe exigiria documentos e datas como preliminares, “tudo árido e longo”.

Eis a gênese do romance que se propõe a rememorar as aventuras amorosas do protagonista Bentinho e desvendar a suspeição num dos mais célebres casos de amor da literatura brasileira.

Na última linha do romance, o leitor é informado de que a trama que acaba de ler não tem a menor importância. Depois de 148 capítulos, o final e fatídico intitula-se, “E o resto?”.

Pasmado, o leitor depara-se com cinco palavras com as quais o narrador, depois de vencido pelo ciúmes e insupportáveis especulações, conclui que o melhor que o leitor tem a fazer é deixar de lado o romance lido e embrenhar-se na *História dos Subúrbios*. “Vamos à *História dos Subúrbios*” é a frase final de *Dom Casmurro*.

Convenhamos: é um chute no calcanhar de quem aguardava pelo clímax da investigação detetivesca.

Por outro lado, fechar o romance lido e iniciar a leitura do livro que sequer fora escrito é a chave para a leitura mais significativa de *Dom Casmurro*. Chave sarcástica. Dura de engolir. Mas, convenhamos, 100 por cento machadiana.

Sem desqualificar abordagens psicanalítica, sociológica, histórica, filosófica, antropológica e outras afins, o *avant-garde* e contemporâneo Machado de Assis já dava a senha: *sem essa aranha, sem essa manha, sem essa trama*: a hora é a vez da *linguagem*.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, 18 anos antes de *Dom Casmurro*, ele anotava, com todas as letras: “a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre”.

Bem entendido, leitor: a chave de leitura está no desvendamento da forma — e não da trama. Correr atrás das aventuras de Bentinho, Capitu e Escobar vai dar em nada — como é nada o romance *Dom Casmurro*. Tanto que nem existe. É bruma. Brincadeira. Areia. Moinho de vento. Jogo. Passatempo.

Por isso mesmo quando leio *Brancura*, romance do Nobel de Literatura, Jon Fosse, recordo-me de *Dom Casmurro*-Machado-Brás Cubas. O que se desenha no primeiro texto logo é apagado por um gesto do

narrador machadiano. Ou por um desvio, no segundo texto, que faz o leitor duvidar da linha entre delírio e cotidiano nas ações fosseanas. Se o leitor busca um norte em ambos os narradores, desnor-teia-se.

Os dois são escritores da linguagem, da semiótica que mescla, pra interrelacionar significantes.

O significado dança com e como um jeito de corpo das palavras. Está ali para ser carregado de significantes e ir além. Vencer a zona limite do prosaico contador de histórias que habitam a clave do meramente entretenimento ou tragicamente panfletárias.

Nos grandes autores que deixam sua marca na literatura, o machado da linguagem talha a palavra e corta dela signos para além do conhecido. Há um signo/significado premido na língua até que fosse machado e salte sã da loucura de ser de ré rés do não.

Brancura traz a linguagem plural e brilha, mas não ilumina. Opaca luz, fala de travas. Às vezes pipoca *insights*. Pulsam por frações fractais de tempo e tempo. O signifi-cante *plus* entrega-se num contínuo. Sem identidade e sem possibilidade de se associar a identitarismos. Forma informa sem se moldar. O diferencial da arte.

Esse mesmo saçaricar da linguagem habita um romance italiano, recentemente lançado no Brasil, *O Colibri*. Sandro Veronesi, seu autor, é arquiteto, mas desde os vinte e poucos anos dedica-se a uma bem-sucedida e premiada carreira literária. Um dos mais importantes romancistas italianos das últimas décadas. Isso é bastante expressivo, num país de escritores contemporâneos como Italo Calvino, Alberto Moravia, Umberto

A chave de leitura está no desvendamento da forma — e não da trama. Correr atrás das aventuras de Bentinho, Capitu e Escobar vai dar em nada

Eco, Elsa Morante etc. Entre poesia, conto e romance, lá se vão mais de 20 obras. Recebeu o Prêmio Strega, em 2006, com o romance *Caos calmo*, publicado aqui pela Editora Rocco. Com *O Colibri* (Autêntica Contemporânea, 2024, com tradução de Karina Janini), arrebatou os almejados prêmios Fémina e Méditerranée.

O Colibri é um furacão na mão do leitor. Queima a cada página. A velocidade de sua narrativa é absolutamente magnética. Os recursos de sua escrita só fazem aumentar a voltagem de uma linguagem feita para pairar no ar leve e rápida como as asas da ave que o nomeia. Não é por menos que Ian McEwan considerou-o “um romance magistral”. E não há como concebê-lo menor.

O capítulo *Gospodinèèèè!* (1974) pode ser tomado como uma das entradas no cerne da estrutura do romance.

“Era domingo, de manhã cedo, e a Piazza Savonarola tinha desaparecido. As árvores tinham desaparecido; o céu tinha desaparecido; os carros tinham desaparecido. Não havia mais nada. Como no filme que tinha visto com a mãe no Natal, no qual a neblina cai e o avô se perde na frente de casa, a neblina havia caído e Marco Carrera também estava perdido na frente de casa. Em Florença, a neblina era um fenômeno raríssimo — sobretudo uma como aquela —, raríssimo. Ele quase não conseguia enxergar os próprios pés”.

No meio desta neblina que tudo encobria, Marco e seus 14 anos estava ali de pé, imóvel, sem referências de onde se achava a torre da igreja, onde as laterais da praça, a direção de sua casa, as marcas locais conhecidas, quando ouviu um estrondo, o som de uma bati-



“Brancura”, romance do Nobel Jon Fosse, traz a linguagem plural e brilha, mas não ilumina

Foto: Reprodução Fóstoro Editora

da, buzina disparada, gritos das pessoas e uma única palavra, nunca ouvida.

—Gospodinèèèè!”.

O Colibri é estruturado em idas e vindas no tempo como o romance de qualquer autor que goste de usar analepse. E lança mão de mensagens de *e-mail*, WhatsApp, iPhone, *tablet*, como qualquer novo autor gosta de fazer para se mostrar antenado. Faz tudo que é esperado de um romance de ação amorosa: tem triângulo amoroso entre dois casais bem situados socialmente, faz uso da psicanálise em seu texto, tem personagens analisando e analistas, tem pessoas de classes sociais diferentes relacionando-se sexualmente e entrando em conflitos previstos, tem cartas e cartas de amor que um dia serão descobertas e mudarão o rumo da narrativa, etc. e etc. Enfim, Sandro Veronesi não teme valer-se dos clichês dos *best-sellers*.

No entanto, jogue todos esses recursos e toda essa trama na lata de lixo da literatura e venha para a leitura de um dos livros mais apaixonantes e eletrizantes da literatura contemporânea. Sandro Veronesi escreve como poucos. Ou como ninguém. Em suas mãos as palavras voam. Mesmo não sendo escritor, ou nunca tendo a pretensão de sê-lo, você vai se deparar em várias passagens do romance dizendo: *eu queria ter escrito isso*. Ou ao menos espantando-se: *como alguém consegue exprimir-se tão inteira e plenamente assim?*

O domínio da linguagem é de tal forma todo, e por ser tão inteiriço e completo, transmite uma unidade e completude absolutamente tão leves e agradáveis que você se sente contemplado, realizado e

partícipe dos acontecimentos. Aquela sensação de que nada mais falta naquele momento nem naquela situação. É isso que o narrador nos oferece a cada passagem de seu livro através única e exclusivamente do domínio da linguagem.

A identificação lembra o filme *Zelig* (1983), de Woody Allen. Mas se lá o mimetismo processa-se de forma a provocar o riso e, consequentemente, o distanciamento, aqui o leitor, identifica-se *in totum* e só por um domínio brechtiano da consciência, percebe os artefatos da linguagem que arquitetam o texto. Tal a *finesse* da forma de sua composição.

O romance rola e lá pelas tantas dois versos de São João da Cruz sinalizam outra movimentação no labirinto das linguagens do romance: “Para chegares ao que não sabes, / Hás de ir por onde não sabes”. Nova chave é lançada para o leitor.

Na grande literatura nunca há nada concretamente acontecendo. *De Dom Quixote ao Jogo da Amarelinha*, passando por *Ulysses*. Tudo evanesce. Tudo se dissolve. Tudo é bruma.

Tudo é um barulho. Um grito que se ouve e não se decodifica. Um assombro. Um maravilhamento. Um medo. Um suspense. Uma bruma que tudo engole. Um mistério que não se resolve. Uma data que

avança e segue e súbito retrocede. E avança mas ainda dentro dela mesma no passado. E você segue de olhos abertos mas está escuro. E você não consegue ver nem parar de tentar ver. Descobre algo. Mas logo mais alguma coisa se oferece envolta. E assim segue entre escrever e apagar. Significado que não se entrega a não ser pela via do significante. Significante que te gratifica e te chama a outra busca em Machado Fosse Veronesi.

Em Cervantes
Cortázar
Joyce.
Em.

Um dos mais importantes romancistas italianos das últimas décadas, Sandro Veronesi não teme valer-se dos clichês dos “best-sellers” em “O Colibri”

Amador Ribeiro é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).



Foto: Jildiz Kaptein/Reprodução

Entrevista

A arte pela Luta Antimanicomial

Eduardo Augusto

Especial para o Correio das Artes

Fechamento do Complexo Hospitalar do Juquery, em São Paulo, inspirou duas artistas visuais a produzirem uma obra para preservar a memória desse capítulo crucial da saúde mental no Brasil

A luta antimanicomial é um movimento que busca transformar o modelo de saúde mental no Brasil, combatendo a exclusão e a violência nos tratamentos psiquiátricos. Ganhou força nos anos 1970, defendendo cuidados baseados em liberdade e direitos humanos.

Um marco dessa luta foi o fechamento do Complexo Hospitalar do Juquery, em São Paulo, fundado em 1898 e “símbolo do modelo manicomial” da época, marcado por tratamentos desumanos como eletrochoques e isolamento. Sua desativação, concluída após 2018, representou um avanço na Reforma Psiquiátrica Brasileira (Lei nº 10.216/2001), que priorizou serviços comunitários, como os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), em vez de internações.

Apesar do progresso, persistem desafios, como a qualidade da rede de saúde mental. O fechamento do Juquery também inspirou o livro *O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas?*, das artistas Cibele Lucena e Flavia Mielnik. A obra combina monotipia, colagem e depoimentos de ex-internos e profissionais, preservando a memória desse capítulo crucial da saúde mental no Brasil.

A luta antimanicomial continua, exigindo compromisso com direitos humanos e um modelo de cuidado mais inclusivo e digno. O legado do Juquery serve como alerta contra a exclusão e incentivo para avanços na saúde mental. A seguir, confira uma entrevista realizada com Cibele Lucena, uma das autoras da obra.

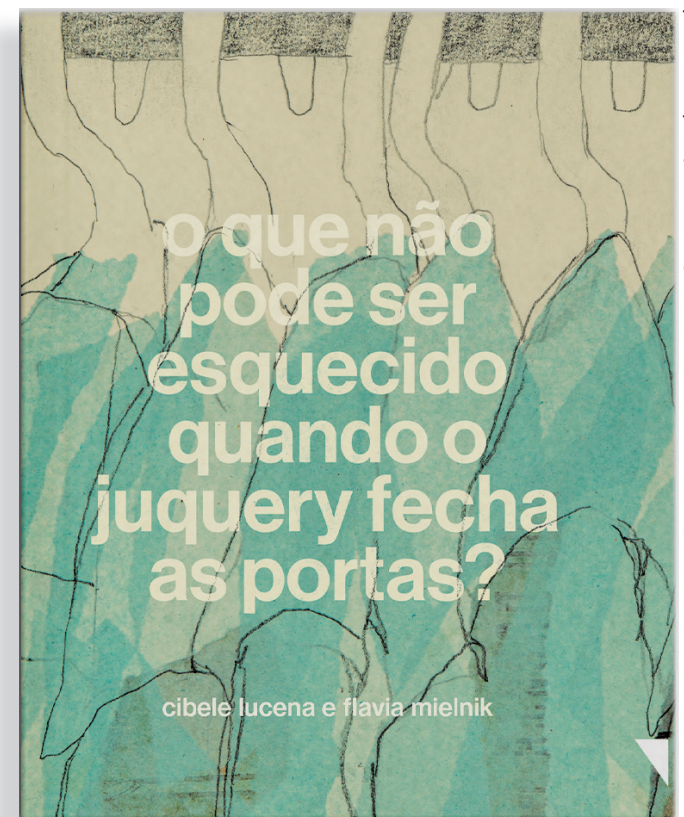


Imagem: Arquivo pessoal

■ **Pode falar um pouco sobre a trajetória de você e de Flavia Mielnik até o encontro para a construção dessa obra?**

Nos conhecemos em 2018, no Museu da Casa Brasileira (MCB), em São Paulo (SP), enquanto trabalhávamos no setor educativo. Foi ali que começamos a desenvolver juntas uma série de atividades, incluindo um projeto em parceria com o Caps Itaim. Semanalmente, trabalhávamos com usuários e profissionais do Caps, abrindo processos de arte conectados à cidade por meio de diferentes linguagens. Esse projeto culminou

na criação do coletivo Cazumbá, que, por um período, se dedicou à luta antimanicomial por meio da arte. Antes dessa parceria, cada uma de nós já havia trilhado um longo percurso na arte e na educação, com experiências também na área da saúde mental. Nosso tempo no MCB fortaleceu os pontos de encontro entre nossas trajetórias, afinidades e interesses de prática e investigação. Desde então, seguimos desenvolvendo diversos trabalhos juntas.

■ **Como surgiu a ideia de criar um livro sobre o Hospital Psiquiátrico do Juquery?**

Em 2021, fomos convidadas a participar do 4º Festival de Arte Soy Loco Por Ti Juquery, realizado em Franco da Rocha (SP), dentro do hospital psiquiátrico. Naquele momento, devido à pandemia da Covid-19, o festival acontecia de forma online. Durante nosso processo de pesquisa para desenvolver um trabalho para o evento, soubemos que o Juquery estava fechando sua ala de internação permanente, após mais de 120 anos, como consequência da pandemia. Esse fato nos atravessou profundamente, e entendemos que deveríamos trabalhar a partir dele.

Cibele Lucena (E) e Flavia Mielnik (D), autoras de "O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas?" (capa na página anterior)



Foto: Arquivo pessoal

Imagem: Arquivo pessoal



Quando entrei para trabalhar na colônia, eu era costureira. A sala de costura era ampla, tinha quatro máquinas e eu fui me adaptando. Minha função era recuperar as roupas que vinham danificadas da lavanderia. Quanta coisa eu fiz, trabalhei que nem gente grande! As vezes, chegavam blusas com mangas muito longas, eu cortava, com um decote muito grande e eu achava desconfortável, dava um jeitinho, colocava uma preguinha, um botãozinho em cima. Calças vinham com a barra larga, comprida, eu cortava, colocava punho, tudo de acordo com as necessidades deles. Eu inventava moda, eles nunca andavam de qualquer jeito.

Neusa

Acima, um exemplo das técnicas empregadas na obra, que utilizou colagens, desenhos, pinturas, carimbos e monotipia, usando uma diagramação manual e analógica

■ **Como foi o processo de pesquisa para o livro?**

O festival nos conectou com a Paula Karkoski Pereira, psicóloga e arteterapeuta do hospital, que prontamente nos ajudou a organizar encontros virtuais com os últimos funcionários do hospital. Durante esse processo, ela nos fez uma pergunta crucial: Qual era o recorte que queríamos dar a esses encontros? Como muitos membros da equipe haviam trabalhado no Juquery por anos, as questões eram inúmeras e complexas. Sua provocação nos levou a formular a pergunta que guiaria toda a nossa pesquisa: "O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas?"

Os encontros virtuais foram gravados, transcritos e editados. Além disso, realizamos

conversas por telefone e trocas de mensagens de áudio. Com o tempo, as pessoas começaram a nos conectar com outras, lembrando-se de mais histórias, compartilhando imagens, fotos e documentos. Passamos meses recebendo relatos, criando uma rede de memórias e afetos.

O maior desafio foi, sem dúvida, acessar ex-pacientes. Conseguimos conversar com o José Antônio Gonçalves, conhecido por Montanha, artista do grupo Cazumbá e usuário do Caps Itaim, que passou anos no Juquery antes de iniciar seu tratamento em liberdade. Ouvi-lo foi fundamental. No entanto, não conseguimos alcançar outros ex-internos, pois as questões envolvidas eram delicadas, até mesmo com as famílias. Assim, a perspectiva dos funcionários

acabou se tornando o eixo central do nosso trabalho.

■ **Poderia compartilhar alguma história ou depoimento que marcou durante a pesquisa?**

Foram muitos os depoimentos marcantes, é difícil elencar apenas um. No entanto, algo que nos impactou profundamente foi a história de um ex-interno que passou tantos anos no manicômio que, ao receber alta, pediu para permanecer em Franco da Rocha em vez de retornar à cidade de sua família. Ao calcularmos o tempo de sua internação, percebemos que ele havia sido internado ainda na infância, com menos de dez anos de idade. Essa descoberta foi extremamente chocante. Outro fato que nos marcou foi a mobilização dos últimos funcionários, em 2021, durante o

fechamento do Juquery. Naquele período, os internos estavam sendo transferidos para outras residências, e um grupo de profissionais se empenhou em conseguir malas para que nenhum deles precisasse levar seus pertences em sacos de lixo — uma prática comum até então.

■ **Como equilibraram a sensibilidade necessária para abordar um tema tão delicado com a necessidade de representar a realidade do Juquery?**

O Juquery nos apresentou, o tempo todo, histórias entrelaçadas de amor e horror. Junto a toda a violência, sempre existiram frestas — gestos de resistência, luta pela vida e pelo cuidado. Essa complexidade nos guiou ao longo do processo, orientando a criação de imagens e roteiro que pudessem dar corpo a essas camadas de dor e afeto.

■ **Como decidiram unir artes visuais e escrita no livro?**

Começamos o trabalho pela coleta de histórias, reunindo textos, editando e organizando os materiais. Em determinado momento, contamos com a assessoria de Ana Godoy, uma profissional sensível que trabalha com acompanhamento de escrita. Foi nesse processo com ela que a paisagem do livro começou a se delinear. A sequência dos textos e depoimentos nos ofereceu uma riqueza de imagens e pistas para a construção visual. Assim, após traçar esse fio condutor por meio da escrita, fomos chegando às imagens finais.

■ **Quais técnicas artísticas foram utilizadas nas intervenções visuais do livro?**

O processo começou com a colagem. Flavia tinha uma vasta coleção de papéis antigos que pertenciam ao seu avô — amarelados pelo tempo, com uma paleta de cores perfeita para o que imaginávamos. Começamos a trabalhar com eles manualmen-

te, rasgando, juntando pedaços, sobrepondo camadas, criando composições. Essa operação nos parecia fazer todo o sentido, como se estivessemos costurando fragmentos de memória.

“A arte, por sua vez, nos permite criar formas sensíveis de contar essas histórias, abrindo frestas para que outras narrativas possam emergir e seguir reverberando”

Aos poucos, incorporamos outras camadas ao trabalho: desenho, pintura, carimbos e monotipia — uma técnica de impressão que gostamos muito. Sua natureza imprevisível dialogava diretamente com o material que estávamos construindo, trazendo um certo descontrole que fazia parte da própria narrativa que queríamos contar. O livro tomou forma por meio de uma diagramação bem manual e analógica: os textos eram impressos em uma máquina caseira e cuidadosamente colados às imagens de cada página, estabelecendo um diálogo orgânico com a composição visual.

■ **Como veem a relação entre arte, memória e justiça social após essa experiência?**

Vemos a relação entre arte, memória e justiça social como um tecido indissociável. A arte tem o poder de elaborar histórias silenciadas. Trabalhar com a memória do Juquery nos mostrou, mais uma vez, que lembrar não é apenas um ato do passado, mas uma prática política e cole-

tiva que nos coloca em relação com o presente e com o futuro. A justiça social passa necessariamente pelo direito à memória — não apenas para reconhecer as violências cometidas, mas para iluminar os espaços de resistência, as vidas que escaparam do apagamento, os gestos de cuidado que persistiram mesmo em meio à brutalidade. A arte, por sua vez, nos permite criar formas sensíveis de contar essas histórias, abrindo frestas para que outras narrativas possam emergir e seguir reverberando.

■ **Como o livro dialoga com os princípios da luta antimanicomial? De que forma ele contribui para a reflexão sobre a desinstitucionalização e a reforma psiquiátrica no Brasil?**

O livro dialoga com os princípios da luta antimanicomial ao dar visibilidade às histórias e memórias do Juquery, destacando as marcas deixadas pelo modelo manicomial e a urgência de uma sociedade sem instituições de segregação. Ao trazer à tona relatos de funcionários e ex-internos, ele humaniza aqueles que viveram e trabalharam no hospital psiquiátrico, rompendo com estereótipos e a naturalização do isolamento e da exclusão. Além disso, o livro não apenas denuncia as violências institucionais, mas também evidencia as frestas de resistência que existiram dentro desse espaço. Ele contribui para a reflexão sobre a desinstitucionalização ao mostrar que o fechamento de um manicômio não significa, por si só, o fim da lógica manicomial. O desafio é garantir que as pessoas tenham acesso a um cuidado em liberdade, sem que outras formas de exclusão e abandono tomem o lugar da internação. Nesse sentido, o livro reforça a necessidade de manter viva a memória do que foram esses espaços, para que não haja retrocessos. Ele convida

os leitores a pensarem criticamente sobre o modelo de saúde mental que queremos construir, reconhecendo que a luta antimanicomial não é apenas uma pauta da psiquiatria, mas um compromisso coletivo com a justiça social e os direitos humanos.

■ **Quais são, na visão de vocês, os maiores desafios para a consolidação de um modelo de saúde mental que respeite os direitos humanos e que promova a inclusão social, em contraste com o modelo manicomial?**

A consolidação de um modelo de saúde mental que respeite os direitos humanos e promova a inclusão social exige o rompimento definitivo com a lógica manicomial, garantindo um cuidado em liberdade por meio do fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial (Raps) e de políticas intersetoriais que envolvessem assistência social, educação, cultura e trabalho. O combate ao

estigma, a garantia de direitos e a preservação da memória da luta antimanicomial são fundamentais para evitar retrocessos e novas formas de exclusão. Diante das ameaças constantes à Reforma Psiquiátrica, é essencial manter a resistência ativa, assegurando que o cuidado em saúde mental seja baseado no acolhimento, na dignidade e na vida em comunidade.

■ **Qual mensagem ou reflexão vocês esperam que os leitores tirem do livro?**

As reflexões são muitas, mas esperamos que os leitores sejam tocados pelas histórias e por toda a sua humanidade. Que percebam como a luta antimanicomial vai muito além do manicômio, sendo uma questão que atravessa toda a sociedade. Trata-se de um

problema coletivo, que persiste ao longo do tempo, exigindo vigilância constante e compromisso com a luta pelo direito à saúde mental em liberdade. Também é essencial reconhecer as profundas conexões entre o manicômio e o projeto colonial brasileiro. Há muitas camadas a serem pensadas, refletidas e visibilizadas — questões que não pertencem apenas ao passado, mas que seguem definindo o presente.

■ **Por fim, o que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas?**

Como sugere Paula K. Pereira, é fundamental lembrar que o Juquery não se resumia às suas paredes, mas às pessoas que o habitavam. O que realmente importava estava ali, entre e além das paredes.

Eduardo Augusto é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e gerente operacional de produtos editoriais da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).

Outro exemplo do processo de transformar histórias reais e depoimentos em arte



Imagem: Arquivo pessoal



Tiago Germano
tdgermano@gmail.com

Ao rés da página

Cinco erros básicos que prejudicam sua escrita... ...e algumas formas simples de resolvê-los

Em 2021, em plena pandemia, Débora Ferraz e eu fundamos a Edícula Literária, um projeto que tinha o objetivo de auxiliar escritores e escritoras que, como nós, se sentiam meio perdidos no início da carreira, com nossos romances inéditos na gaveta. Inspirados pela época em que fazíamos a pós-graduação em escrita criativa, em Porto Alegre, e morávamos em um pequeno complexo de apartamentos que era, na verdade, a edícula de uma casa (aquele espaço aos fundos, geralmente usado como um quatinho de despejo ou uma área de lazer

do quintal), batizamos o projeto e começamos a oferecer serviços de revisão, leitura crítica, preparação de originais, oficinas de criação literária, mentorias artísticas personalizadas, entre outros.

Nunca formalizamos a empresa, mas, de lá para cá, já ajudamos dezenas de clientes a desenvolver as suas ideias. Vários deles publicaram seus livros, e a experiência de vê-los dar a luz àquelas obras que antes não passavam de rascunhos, quando muito uma simples premissa ou o lampejo de uma frase, por vezes era mais gratificante que o próprio valor

que cobrávamos pelos serviços. É um clichê, mas se livros são como filhos para os seus autores, para nós, a emoção de vê-los nascer é a de uma parteira ou de um médico da família, ajudando no parto. Sofremos juntos, vibramos juntos e, a depender da relação construída ao longo do processo, somos chamados para ser padrinhos e escrever as orelhas, ou ganharmos o direito até de opinar no nome da criança.

A partir dessa trajetória que envolveu a leitura de diversos originais, em vários níveis de acabamento, comecei a levantar alguns dos equívocos mais

comuns com os quais me deparei nas leituras críticas que fiz. Neste primeiro texto, eu me concentro, sobretudo, naqueles que dizem respeito ao diálogo, um dos fundamentos mais difíceis da arte de narrar, uma das técnicas que mais parecem levantar dúvidas entre os escritores e as escritoras em suas primeiras incursões literárias:

1º erro: o formato do diálogo

Pode parecer bobagem, mas é o pesadelo de todo preparador de original: o escritor que começa escrevendo o diálogo num formato, seja abrindo as aspas ou o travessão, ou mesmo entremeando com diálogo no parágrafo, e depois o modifica de forma arbitrária. Acho incrível o que faz o Samir Machado de Machado em seus livros, assinalando a

origem de seus personagens através do tipo de sinal adotado no diálogo (travessão, para os brasileiros; aspas duplas, para os espanhóis; e aspas, para os ingleses). Salvo você tenha uma proposta parecida, assumo uma forma e siga com ela até o final. Não me importa se você é o Saramago. Até ele, vale dizer, tinha sua própria forma de misturar diálogo e narração e sempre a obedecia... Então procure ser coerente. E não me venha com essa história de que só a inteligência artificial usa travessão, que ele é até mais eficaz que as aspas, se você for trabalhar com incisos. Por sinal, se for utilizá-lo, pelo amor do Deus dos revisores, não use o hífen no lugar e tome o seguinte modelo:

— Assim — disse eu, no inciso. — Dessa forma.

Diálogo é um dos fundamentos mais difíceis da arte de narrar, uma das técnicas que mais parecem levantar dúvidas nas primeiras incursões literárias

Em seus livros, Samir Machado de Machado assinala a origem de seus personagens através do tipo de sinal adotado nos diálogos

Foto: Tadeu Vilani/Divulgação



2º erro: o diálogo que começa no “bom dia” e termina no “até logo”

Em geral não sou adepto de regras, mas há uma infalível, que certa vez ouvi do diretor e roteirista Carlos Gerbase: “Nunca comece o diálogo do começo e sempre prefira terminá-lo antes do final”. Nada mais toco que um diálogo que começa com os personagens se apresentando e termina com eles se despedindo. Pode haver exceções, mas quase sempre parece uma comunicação oficial, com direito a “câmbio final” e “desligo”. No cinema, isso acarreta algumas situações inusitadas. Quem nunca estranhou aquele personagem que entra numa lanchonete e, depois de fazer o pedido, diz o que veio dizer e depois vai embora, sem nem terminar de comer? Pois é... Sempre conto em oficina a história embaraçosa de uma colega escritora que foi para os Estados Unidos e sempre desligava o telefone na cara do interlocutor, sem nem se despedir. No seu último dia de intercâmbio, um colega quebrou o constrangimento e resolveu perguntar: “Por que você sempre desliga o telefone sem se despedir das pessoas?” Ela respondeu: “Eu achava pelos filmes que vocês não tinham o hábito de se despedir”. Os dois riram muito da confusão, mas na ficção literária não seria nada estranho. Sabe aquela história de que a arte é igual à vida, só que sem as partes chatas? No diálogo é assim também. Você pode dispensar algumas convenções. E sempre terá a narração para contar o que aconteceu antes ou depois de cada diálogo.

Foto: Arquivo pessoal/Facebook



Diretor e roteirista Carlos Gerbase (acima): “Nunca comece o diálogo do começo e sempre prefira terminá-lo antes do final”

Em obras com muitos diálogos, como as de Mutarelli (ao lado), em nenhum momento, ele conduz a narrativa pelas falas

Foto: Marcos Vilas Boas/Divulgação

3º erro: o diálogo que conduz a narrativa

Sabe aqueles diálogos imensos, sem a intervenção do narrador, em que os personagens parecem estar explicando suas ações e descrevendo suas intenções, aquilo que já aconteceu ou o que vai acontecer em seguida? Então, isso é um problema bastante comum, principalmente com quem é bom em diálogo ou encontrou nele uma zona de conforto, uma muleta para apoiar sua escrita. Mas vocês já tiveram a oportunidade de ler alguma dramaturgia ou algum romance feito só de diálogos, como por exemplo o *Nada me faltará* (Companhia das Letras, 2010), do Lourenço Mutarelli? Você vai ver que, em nenhum momento, ele conduz a narrativa pelo diálogo: os desdobramentos vão se dando muito mais pelas entrelinhas das falas ou por sugestões que ficam se incrustando na mente do leitor. Portanto, avalie a possibilidade de alternar o diálogo com breves intervenções do narrador (nos incisos, ou incluindo ações de apoio), deixando para o diálogo só as falas mais indispensáveis, aquelas que se remetem melhor ao conflito ou ao subtexto da cena, aquilo que se esconde por trás das aparências do que está sendo narrado.

Foto: Fabio Braga/Divulgação



Geralmente, no preconceito linguístico, personagens mais pobres ou sem acesso à cultura letrada falam igual ao Chico Bento (acima, encarnado pelo ator Isaac Amendoim), do Mauricio de Sousa

4º erro: o diálogo repleto de preconceito linguístico

Não sei se estão familiarizados com a noção de preconceito linguístico, mas ele tem sido algo muito recorrente nos originais que tenho analisado. O preconceito linguístico ocorre quando, a pretexto de ser “fiel” à fala de um personagem, ao seu registro oral, o escritor começa a assinalar cada um dos desvios da norma culta que ele comete ao abrir a boca. O resultado disso é que alguns personagens (geralmente os mais bem posicionados socialmente, que tiveram uma instrução formal) falam quase como se tivessem colocado uma gravata borboleta no pescoço, enquanto que outros (geralmente os mais pobres, sem acesso à cultura letrada) falam igual ao Chico Ben-

to, personagem caipira dos quadrinhos de Mauricio de Sousa. Em primeiro lugar: esqueçam a ideia de que o diálogo precisa ser “fiel” ao que for. O diálogo, bem como qualquer recurso literário, é uma fabricação do real: fica no meio do caminho entre a imitação pura e simples e a construção ficcional do nosso cotidiano. Por isso que uma boa conversa com seu amigo do peito nem sempre fica boa depois de transcrita para o papel, e vice-versa: alguns diálogos na página dificilmente “funcionam” fora dela. Na dúvida, tente não subestimar seus personagens e use os mesmos critérios de fala aplicados para todos. Existem formas muito mais eficientes de “marcar” a classe social de um personagem que um suposto cacoete que até alguém al-

fabetizado pode apresentar em sua linguagem. Pense no personagem Akáki Akakiévich, do conto *O Capote* (1842), de Gogol, e sua falta de articulação: seu nome é praticamente um exercício de fonoaudiologia, e cada vez que o falamos reproduzimos essa gagueira, muito mais impressa no nome que ele escolheu para o personagem que no discurso.

5º erro: o diálogo do personagem com ele mesmo

Várias vezes já me deparei com personagens que, no meio da cena, começam a “falar sozinhos”, assim, como se fossem atores no palco de um teatro, ditando um monólogo para a plateia. Eu fico pensando que, lá do fundo do rio Ouse, onde se suicidou, o fantasma de Virgínia Woolf deveria emergir com suas roupas molhadas pra puxar nossa perna embaixo da mesa e nos levar embora. Ora, valorizemos o que ela fez por nós em matéria de fluxo de consciência: em vez de transpor o pensamento do personagem num discurso direto, como se ele estivesse vocalizando seus dilemas, suas angústias no espelho, por que não usar o recurso do indireto livre, abrindo um buraco na fechadura na cabeça do sujeito e deixando a gente entrever seus pensamentos? Às vezes basta trocar o verbo no presente pelo verbo no passado: estaria eu “falando grego”, será que vocês conseguirão entender exemplificando dessa maneira? Volte algumas linhas e perceba o que eu acabei de fazer, e tente adaptar da próxima vez que se deparar com essa situação. O leitor (crítico ou não) agradece.

Foto: George Charles Beresford/Reprodução



Virgínia Woolf (1882–1941) valorizava o fluxo de consciência nas suas obras: em vez de transpor o pensamento do personagem num discurso direto, usar o recurso do indireto livre

Tiago Germano é autor do romance ‘O que pesa no Norte’ (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de ‘Demônios domésticos’ (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e mora em João Pessoa (PB).



Milton Dornellas

MÚSICA ARTESANAL

M A R K E T I N G E P C

Lançamento do livro
04/06, às 19h, na Livraria A União
(vendas a partir de 05/06)



A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac